



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS / CAMPUS IV
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

JULIANE ROSA DE OLIVEIRA

**A IDENTIDADE CULTURAL AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: Uma análise do componente curricular Manifestações Culturais da
Universidade do Estado da Bahia/Campus- IV**

JACOBINA - BA
2017

JULIANE ROSA DE OLIVEIRA

**A IDENTIDADE CULTURAL AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: Uma análise do componente curricular Manifestações Culturais da
Universidade do Estado da Bahia/Campus- IV**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia/Campus IV, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Educação Física.

Orientadora: Rita de Cassia Roxané.

JACOBINA - BA
2017

JULIANE ROSA DE OLIVEIRA

**A IDENTIDADE CULTURAL AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO
FÍSICA: Uma análise do componente curricular Manifestações Culturais da
Universidade do Estado da Bahia/Campus- IV**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física.

Aprovada em _____ de _____ de 2017.

Profa. Esp. Rita de Cassia Roxané
Orientadora
UNEB

Prof. Msc. Itamar Silva de Sousa
UNEB

Prof. Msc. Vamberto Ferreira Miranda Filho
UNEB

Dedico esta monografia a todos (as) que colaboraram com essa pesquisa, docentes e discentes da UNEB Campus IV e em especial a minha família pelo constante apoio e torcida em prol do meu crescimento profissional e pessoal.

AGRADECIMENTOS

Ao findar mais uma etapa do curso percebo que ao longo dessa caminhada na Universidade pude experimentar novas vivências, novos conhecimentos e experiências que serviram para desenvolver meu projeto de pesquisa e que servirão para minha vida pessoal e profissional.

Quero agradecer primeiramente a Deus pelas bênçãos concebidas em minha vida, por me dar forças para enfrentar as batalhas do dia-a-dia e a persistência na luta pelos meus ideais.

À minha mãe Teresinha e ao meu pai Erotildes, pessoas ímpares na minha existência, minha base, meus exemplos de vida, sempre me incentivando a estudar para conseguir alcançar meus sonhos. Meus pais são as bênçãos divinas mais lindas que ganhei para me cuidar e proteger, a eles o meu muito obrigada.

Aos meus queridos irmãos e irmãs que sempre estão ao meu lado, me apoiando, também meus sinceros agradecimentos, em especial a Jaciene e Geane, que de forma mais particular contribuíram para minha entrada na Universidade e sempre me ajudaram com projetos e viagens acadêmicas.

A minha avó Sinésia, que é sempre muito atenciosa, minha defensora, com suas histórias e exemplos de vida, com sábios ensinamentos, também foi responsável pela minha formação de caráter e junto aos meus pais fizeram de mim a pessoa que sou hoje.

Agradeço aos meus sobrinhos, que são minhas dádivas e enchem meus dias de esperança, em especial a minha sobrinha Geovana, minha maior admiradora, o amor da minha vida e também a Mariane, sobrinha mais velha, amiga, minha dupla nos trabalhos escolares, obrigada desde sempre. Aos demais parentes, sou grata pela convivência, pelo respeito e cuidados de todo dia, em especial a minha prima Barbara, por sempre ter estado ao meu lado, sendo amiga e confidente.

A minha orientadora e coordenadora de área, Rita de Cássia Roxané, professora que abriu portas para aprimorar meus conhecimentos e desempenho na docência através do subprojeto do PIBID, intitulado “Escola como espaço da cultura corporal na cidade de Jacobina-BA”, no qual atuo desde 2014 e que também incentivou a minha entrada no grupo de pesquisa GEPEFS, muito grata por abraçar meu projeto de pesquisa e por ser essa profissional incrível.

Não poderia deixar de agradecer ao professor Itamar Sousa, pela colaboração em minha pesquisa, pelas aulas repletas de conhecimento, pelas

viagens acadêmicas e com caráter de reivindicação política e por ser um exemplo de profissionalismo e de luta.

Agradeço aos Bolsistas de ID que compartilharam comigo suas experiências universitárias, a minha supervisora do PIBID, Marizete Oliveira e demais professores da Creche Adonel que acolheram o nosso subprojeto e que com o tempo e convívio se tornaram pessoas importantes na minha vida pessoal e profissional.

Aos professores do curso, que indiscutivelmente são coautores da minha formação acadêmica, Vamberto Ferreira, Salomão Cleomenes, Michael Dian, Elmo Maturino, Amália, Laura Emmanuela, Osni Oliveira, Jorge Lopes, Alexandra, Francisco Sales, Ilma e Jessica Vitorino, vocês são profissionais maravilhosos.

A minha amiga e companheira Lorena por estar sempre ao meu lado, meu amigo e parceiro de dança, Renato, a Abner e Kamilli, por indiscutivelmente fazerem parte da minha vida da forma mais linda, muito obrigada.

A Raíra Alves por dividir comigo suas experiências acadêmicas, estar sempre à disposição e por ter me ajudado em vários momentos, muito agradecida pelo convívio e amizade verdadeira.

A todos e a todas que contribuíram com o meu trabalho de pesquisa, direta ou indiretamente, e assim colaboraram também com meu crescimento acadêmico e pessoal. Um agradecimento em especial aos sujeitos entrevistados (as), vocês foram muito importantes para minha pesquisa, merecem todo o meu reconhecimento, muito obrigada.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”

(Nelson Mandela)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o componente curricular “Manifestações Culturais para a prática pedagógica do futuro professor de Educação Física”, compreendendo os conhecimentos relacionados à Cultura Afro-brasileira enquanto indispensáveis à formação dos estudantes de graduação. Esse trabalho baseia-se no materialismo histórico-dialético por se caracterizar como uma visão materialista de mundo, uma relação dialética entre sujeito objetos dos quais estão dentro de um contexto de realidade histórica. Esta pesquisa é de cunho qualitativo e trabalha também com pesquisa de campo, onde foram utilizados dois questionários distintos para o docente e os discentes que fizeram parte da disciplina analisada. A entrevista foi semi-estruturada e contou com a participação de sete alunos graduandos e graduadas em Educação Física pela UNEB Campus IV. O roteiro da entrevista foi dividido em 3 categorias, formação acadêmica, sobre o componente curricular manifestações culturais, sobre o tema cultura afro-brasileira. Também é uma pesquisa documental que visou analisar as leis e documentos que fizeram obrigatório o ensino de história e cultura Africana e Afro-brasileira e em especial trouxeram a disciplina Manifestações Culturais para os cursos de Graduação. Concluímos a partir da análise dos dados que a disciplina é muito importante para a formação do professor de Educação Física e contribui para melhor entendimento dos conteúdos a respeito da Cultura afro-brasileira, em contrapartida a carga horária não é considerada suficiente para contemplar a gama de estudos a respeito dessa cultura. Mas que de fato esses conteúdos são capazes de romper preconceitos enraizados na sociedade e contribuir com as lutas dos movimentos negros que estão cada vez maiores e mais fortes na busca por uma sociedade justa e igualitária.

Palavras-chave: Cultura afro-brasileira. Educação Física. Identidade cultural. Manifestações Culturais.

ABSTRACT

The present research aims to analyze the curricular component Cultural Manifestations for the pedagogical practice of the future professor of Physical Education, including the knowledge that work the Afro-Brazilian Culture as indispensable for the training of undergraduate students. This work is based on historical-dialectical materialism because it is characterized as a materialist view of the world, a dialectical relation between subject objects of which are within a context of historical reality. This research is qualitative and also works with field research, where two separate questionnaires were used for the teacher and the students who were part of the analyzed discipline, the interview was semi-structured and had the participation of seven students graduated and graduated In Physical Education by UNEB Campus IV. The script of the interview was divided into 3 categories, Academic Formation, on the curricular component cultural manifestations, on the subject Afro-Brazilian culture. It is also a documentary research that aimed to analyze the laws and documents that made the teaching of African and Afro-Brazilian history and culture compulsory and in particular brought the discipline Cultural Manifestations for the undergraduate courses. We conclude from the analysis of the data that the discipline is very important for the formation of the Physical Education teacher and contributes to a better understanding of the contents regarding Afro-Brazilian Culture, in contrast to the workload is not considered sufficient to contemplate the range Study of this culture. But in fact this content is capable of breaking prejudices rooted in society and contribute to the struggles of black movements that are getting bigger and stronger in the search for a just and egalitarian society.

Keywords: Cultural identity. Afro-Brazilian Culture. Phisical Education. Cultural manifestations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: IDENTIDADE CULTURA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA.....	15
1.1. Identidade cultural e o negro na sociedade capitalista.....	21
1.2. Arte e Cultura Afro-Brasileira.....	22
1.3. A integração do negro na sociedade de classes: um olhar a partir dos estudos de Florestan Fernandes.....	27
CAPÍTULO II: ANÁLISE DOCUMENTAL DA DISCIPLINA MANIFESTAÇÕES CULTURAIS.....	32
2.1. Programa da disciplina manifestações culturais.....	34
2.2. No trato com a lei 10.639/03.....	36
CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS.....	38
CAPITULO IV: ENTREVISTA COM O PROFESSOR ITAMAR.....	52
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	69
ANEXOS.....	72
APÊNDICES.....	78

INTRODUÇÃO

Esta monografia reporta-se a uma análise da disciplina Manifestações Culturais, componente curricular do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia DCH-Campus IV.

Buscamos desenvolver uma pesquisa que colabore com discussões e debates que possam romper pensamentos racistas e preconceituosos presentes na sociedade. Devemos, pois, reconhecer a função social do professor de Educação Física enquanto sujeito crítico-reflexivo capaz de entender e relacionar-se com a diversidade cultural, presente em nosso contexto social.

Através desse trabalho pretendemos entender o significado deste componente curricular para a prática pedagógica do futuro professor de Educação Física, tendo em vista a compreensão dos conhecimentos que trabalhem a Cultura Afro-brasileira enquanto indispensável à formação dos estudantes de graduação.

Esse tema enquanto conteúdo pedagógico não está tendo espaço nas instituições de ensino. Em meio a tanta riqueza cultural que envolve a cultura afro-brasileira, ainda percebemos atitudes discriminatórias a respeito das suas práticas que partem de um ponto de vista preconceituoso e que está enraizado na sociedade opressora e excludente desde o período do Brasil colonial.

Muitos indivíduos carregam consigo preconceitos que só poderão ser quebrados a partir de estudos sobre esse tema, daí a grande importância de se trabalhá-lo, desde a formação do professor, ainda na graduação.

Com o objetivo de garantir o estudo sobre essa cultura, foi sancionada a lei nº 10.639/03 que diz: “Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura afro-brasileira”. Entretanto, podemos observar que a lei não é seguida a rigor pelas instituições de ensino.

Cabral (2004) afirma que todas as pessoas têm direito de ter suas tradições e culturas estudadas na escola, a grande dificuldade é a carência na formação de professores, além da insuficiência de matéria e de apoio atualizado. E tratando-se da Educação Física escolar, segundo Quelhas e Nozaki (2006) um importante fator que contribui com o descaso com a cultura afro-brasileira é que a formação dos

professores desta área é historicamente pautada pelos estudos de biologia, anatomia, fisiologia, esportes, ginásticas, atletismo, natação, entre outros.

O objetivo principal dessa pesquisa, é analisar este componente para a prática pedagógica do futuro professor de Educação Física, pois é fácil entender que os conhecimentos que abrangem outras culturas são indispensáveis à formação dos estudantes de graduação.

Foram desenvolvidos quatro capítulos, no primeiro discutimos sobre a Cultura Afro-brasileira enquanto um conhecimento necessário à formação dos estudantes de graduação a partir de uma pesquisa bibliográfica; no segundo analisamos a importância dos conteúdos abordados em sala de aula acerca da Identidade Cultural Afro-brasileira; para isso realizamos uma pesquisa documental visando entender como a disciplina chega aos cursos de graduação. Nos dois últimos capítulos tentamos compreender a discussão sobre Identidade e Cultural Afro-brasileira presente no Componente Manifestações Culturais através da entrevista com o professor que ministrou a disciplina e questionário com alguns discentes que passaram por ela.

É fato que o Brasil é um país multicultural, e que a influência africana está presente desde o período da escravidão, quando os negros trazidos da África trouxeram consigo sua identidade e cultura, que ao longo do tempo passou por um processo de ressignificação e em meio a esse processo várias identidades foram construídas e reconstruídas com novos valores e novos conhecimentos.

Segundo o Portal Brasil (2009) o Brasil tem a maior população de origem africana fora da África e, por isso, a cultura desse continente exerce grande influência, principalmente, na região Nordeste do Brasil. Diante disso, este trabalho justifica-se por trazer discussões sobre identidade Afro-brasileira, assim como a necessidade de reconhecimento histórico cultural por meio de estudos e pesquisas que comprovam a sua relevância na construção da sociedade brasileira, buscando desenvolver no meio acadêmico uma atitude de defesa e respeito à essa cultura.

Abordamos a questão da identidade na pós modernidade a partir de Stuart Hall¹, e sobre a interação do negro na sociedade de classe de Florestan Fernandes².

¹Stuart McPhail Hall, teórico cultural e sociólogo jamaicano, foi presidente da associação britânica de sociologia entre os anos de 1995 e 1997 que viveu e atuou no Reino unido a partir de 1951. Autor de diversas obras na área da sociologia incluído a obra A identidade na pós modernidade, fonte de estudo para esta pesquisa.

Fernandes (2008) faz uma análise de dados sobre a população negra de São Paulo com o objetivo de desmistificar a chamada “democracia racial” brasileira. O autor avaliou vários dados referentes à população negra e mulata no período da abolição, e o mesmo conclui que os escravos foram libertos teoricamente, mas que na prática continuavam sendo tratados como inferiores, discriminados e marginalizados, ou seja, submissos a população branca.

Buscamos realizar uma revisão de literatura e conseqüentemente um diálogo entre alguns autores que produziram conhecimento sobre a cultura afro-brasileira. Sobre a revisão de literatura Gil (2002, p.44) nos diz:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos sejam exigidos algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

A pesquisa bibliográfica é obrigatória na maioria dos trabalhos científicos, pois é um meio de tomarmos conhecimentos sobre a produção científica existente. O método bibliográfico é considerado um dos mais importantes da pesquisa, pois serve como base para outros trabalhos a serem realizados tanto na vida acadêmica quanto fora dela. Como afirma Severino (2007, p.122) “a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos”.

Trabalhamos com a pesquisa documental, onde analisamos cinco fontes, dentre os documentos legais, foram utilizados dados obtidos por meio de uma Ata do ano de 2013 e dois Programas da disciplina Manifestações Culturais dos exercícios de 2014 e 2015, disponibilizados pelo professor Itamar Silva de Sousa e as leis de número 10.639/2003 e 11.645/2008.

“A pesquisa documental apresenta uma série de vantagens. Primeiramente, há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados.” (GIL, 2002, p. 45). Apesar da semelhança com a pesquisa bibliográfica cabe ressaltar que a documental possui fontes mais diversificadas. Severino (2007, p.122) ressalta que:

² Florestan Fernandes, sociólogo e político brasileiro, livre docente e professor da PUC São Paulo, autor de obras na área da sociologia, incluído O negro na sociedade de classes.

[...] tem-se como fonte documento no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nesses casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise.

A técnica desse tipo de pesquisa, ou seja, o levantamento dos dados é obtido por meio de documentos legais. Segundo Santos (2004, p.28) “procedimentos de coleta de dados são os métodos práticos utilizados para juntar informações necessárias à construção dos raciocínios em torno de um fato/fenômeno/processo”.

Foi feita a análise do questionário, aplicado a alunos (as) e ex-alunos (as) que passaram pela disciplina, foi utilizado o método de dados qualitativos, na condição de professor/pesquisador e por entender a importância desta pesquisa, buscamos realizar questionamentos para obter respostas a partir de algumas categorias previamente estabelecidas de acordo com a linha de discussão do objeto estudado.

De acordo com Moreira e Caleffe (2006) as técnicas utilizadas para coleta de dados na pesquisa devem partir da originalidade de cada pesquisador, basear-se no problema de pesquisa e nos cenários sociais encontrados.

No quarto e último capítulo trazemos uma entrevista realizada com o professor Itamar Silva Sousa, que até a presente data foi o único docente do campus que ministrou a disciplina em questão.

As técnicas de coleta de dados e estratégias de análise não podem ser padronizadas. Uma tentativa desta natureza apenas constrangeria e dificultaria os esforços dos pesquisadores, pois os processos de coleta e de análise de dados devem acontecer de maneira simultânea, e é enganoso vê-los como atividades separadas. Por isso, as diversas abordagens são apresentadas com todos os seus elementos: técnica de coleta, seleção dos participantes e análises dos dados (MOREIRA e CALEFFE, 2006, p. 165).

Para Moreira e Caleffe (2009) a entrevista precisa seguir um plano vinculado aos objetivos da pesquisa. Não se trata apenas de uma conversa informal e por isso deve ser planejada detalhadamente; vale ressaltar a importância de escrever as perguntas da entrevista de forma diferente da dos questionários. É indispensável que o pesquisador tenha uma clareza de ideias a respeito dos objetivos da entrevista.

A cultura Afro-Brasileira na perspectiva da prática da docência deve vim de maneira que possa atribuir para o planejamento, execução e avaliação, e para Tavares (2003) são reconhecidas como categorias estruturadoras do processo de trabalho pedagógico, constituindo-se elementos que podem alterar significativamente a configuração e execução do ensino.

É de grande importância mencionar também que na prática pedagógica esses componentes não estão isolados, havendo entre eles uma interação e uma integração, fazendo-se necessário um cuidado maior na hora de se elaborar uma aula com os conteúdos acerca da Cultural Afro-Brasileira, por este apresentar um universo de informações ao professor e a partir disto pesquisar os conhecimentos a serem trabalhados em sua aula.

CAPÍTULO I

IDENTIDADE CULTURAL E CULTURA AFRO-BRASILEIRA

O objetivo desse capítulo é discutir sobre a Cultura Afro-Brasileira enquanto um conhecimento necessário à formação dos estudantes de graduação, visando entender a importância de se trabalhar com esses conteúdos nas aulas de Educação Física.

O negro trazido da África ainda no período da escravidão contribuiu com a formação deste país. “Dessa forma, traços de africanidade estão presentes na fala, na religião, na culinária, na dança, no físico, na música, entre tantos outros”, diz Lemos (2003). Anos de trabalho escravo, sofrimento e humilhações, deixaram marcas que interferem até hoje na vida e no cotidiano do negro.

Evidentemente, com as características históricas das elites brasileiras, a alternativa não poderia ser outra se não a opção deliberada pela exclusão social e racial. Do mercado de trabalho à educação, não houve setor social em que as populações negras não tivessem que enfrentar as ações discriminatórias, sabotadoras e proibidoras de qualquer tentativa de ascensão social, coletiva ou individual (LEMOS, 2003 apud MATTOS, 2007, p.76).

Podemos afirmar que a historiografia oficial e a sociedade brasileira têm uma dívida social perante o povo negro, visto que a versão apresentada é a do colonizador, omitindo-se as formas de organização e cultura africana e afro-brasileira. A seguir, temos uma análise de Cunha (1992) sobre como a História do Brasil omite os fatos importantes sobre o continente africano.

Durante grande parte da história humana a África produziu centros de grande desenvolvimento cultural, intelectual e tecnológico, com contribuições civilizadoras largamente superiores a dos europeus. Podemos dizer que enquanto as populações europeias ainda habitavam cavernas e choupanas, andavam seminus, pintavam seus corpos com tintas azuis e abrigavam-se contra o frio em retalhos de pele de animais. Não conhecendo a tecelagem, as populações africanas comercializavam a seda e outros tecidos e construíam obras importantes como Pirâmides do Egito ou as cidades do Zimbabue [...], as populações africanas trazidas para o Brasil proviam de locais onde viviam em liberdade, com cooperação entre as pessoas na realização do trabalho e do viver. As terras de onde são originários, os escravizados brasileiros possuíam princípios filosóficos que impunham grande respeito à vida, aos seres humanos, à natureza e a todos os elementos participantes da vida das mulheres e homens e a todas as comunidades [...], tendo vivido na África em cidades e vilas organizadas e política e economicamente fazendo parte de reinos e impérios importantes,

os negros trazem estes conhecimentos e experiência para o Brasil. Devido à pressão da escravidão, de ausência de criatividade, social e política, o conhecimento africano e suas capacidades intelectuais têm restrição para o aproveitamento pleno na construção do Brasil Colonial. No entanto, apesar das condições contrárias grandes realizações históricas, como os quilombos, grandes construções tecnológicas como as técnicas agrícolas, as do ferro de ouro, foram introduzidas pelos nossos ancestrais africanos no Brasil (CUNHA, 1992, p.3).

Segundo o autor, percebe-se que a história é repassada de uma forma distorcida, nos fazendo ter a noção de uma África às avessas. Conforme Cunha Júnior (1997) o principal problema a ser encontrado no processo de ensino e aprendizado da história africana não é relativo à história e à sua complexidade, mas é com relação aos preconceitos adquiridos num processo de informação desinformada sobre o Continente Africano. Essas informações são extremamente erradas, racistas, preconceituosas e fortemente restritivas, tendo um efeito tão forte que as pessoas quando recebem uma nova informação sobre a África diferente do habitual, têm dificuldade de articular novos raciocínios sobre a história desse continente.

O estudo sobre os países africanos no sistema escolar procura “revalorizar a história e culturas africanas e afro-brasileiras como forma de construção de uma identidade positiva” (NUNES PEREIRA, 2008, p.254) do aluno negro, elevando sua autoestima. Faz-se necessário o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar, trabalhando para que haja envolvimento da escola como um todo e da comunidade extraescolar.

A temática da Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização de características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal (BRASIL, 1997, p.121).

Percebemos então a necessidade de dar visibilidade aos grupos étnico-sociais excluídos historicamente. Para Gomes (2003 apud VALENTIN e BACKES, 2008, p.2) é imprescindível:

[...] uma maior compreensão do que significa a produção das diferenças. Seria importante debatermos mais e compreendermos que as diferenças fazem parte de um processo social e cultural e que não são, simplesmente, mais um dado da natureza. Pensar a diferença é mais do que explicitar que homens e mulheres, negros e brancos, distinguem-se entre si; é, antes, entender que ao longo do processo histórico, as diferenças foram

produzidas e usadas socialmente como critérios de classificação, seleção, inclusão e exclusão.

O racismo tornou-se comum, e por consequência, facilmente reproduzido nas escolas. Com a preocupação de conscientizar alunos, professores e a sociedade como um todo, houve a implantação da Lei nº 10.639/03 que modifica a LDB (Lei Diretrizes e Base), Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, e estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira na educação básica.

Em contrapartida, nosso país passou por um retrocesso histórico que interfere na implantação da Lei nº 10.639/03, onde o então Presidente Michel Temer sancionou a Medida provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016 que diz respeito à reforma do Ensino Médio, aprovado ano passado, tornando somente obrigatória as disciplinas: Matemática, Português, estudos e prática de Educação Física, Artes, Sociologia e Filosofia. Em contrapartida, Física, Biologia, Química, História e Geografia tornam-se optativas. Assim, sem a obrigatoriedade do ensino de História dificultará ainda mais o ensino de História Africana e Afro-brasileira nas aulas escolares. Vale ressaltar que houve diversas mobilizações estudantis em movimentos contra essa medida, a chamada PEC 55, onde várias Instituições de ensino foram ocupadas, incluindo as Universidades Públicas Brasileiras, e claramente, a UNEB Campus IV fez parte dessa luta.

“O principal problema encontrado no processo de ensino e aprendizado da História da África não é relativo à história e à sua complexidade, mas é com relação aos preconceitos adquiridos num processo de informação desinformada sobre a África” (CUNHA Jr., 2002, p. 58).

Publicada a referida Lei, houve necessidade de conhecermos e mostrarmos a importância da Cultura Afro-Brasileira na formação da cultura do povo brasileiro. Dessa forma, eliminaremos os fatores de exclusão para alcançarmos “[...] um nível muito mais elevado de consciência social e histórica” (PEREIRA, 2004, n.p.). Costa e Dutra (2009, p.1) salientam que:

Descolonizar o saber é o primeiro passo na luta do preconceito racial. A educação tem fundamental importância nesta luta, pois se acredita que o espaço escolar seja responsável por boa parte da formação pessoal dos indivíduos, sendo assim um ambiente fundamental para separação das desigualdades raciais e superação do racismo.

Faz-se obrigatório um conhecimento maior do conteúdo, levando a vários questionamentos que impulsionam mais à prática do que os constantes debates de

fundo ideológico. Ao sancionar a Lei, o governo apenas cumpriu finalidades políticas para preencher uma lacuna incômoda, desconsiderando a realidade, deixando assim nas mãos dos professores fazer valer a nova determinação.

Segundo Santomé (1995, p.159):

Uma das finalidades fundamentais de toda intervenção curricular é a de preparar os alunos para serem cidadãos ativos e críticos, membros solidários e democráticos de uma sociedade solidária e democrática. Para isso a seleção dos conteúdos do currículo, os recursos e as experiências cotidianas de ensino aprendizagem que caracterizam a vida na sala de aula, as formas de avaliação e os modelos organizativos promovem a construção dos conhecimentos, destrezas, atitudes, normas e valores necessários para ser um bom cidadão.

Segundo Neto (2009), antes da lei começar a vigorar, observava-se em algumas escolas, um caráter racista na forma de ensinar o tema referente à cultura afro no âmbito nacional. No entanto, alguns docentes transmitiam aos alunos uma perspectiva eurocêntrica sobre o assunto, desfigurando a maneira como se deu a construção histórica e cultural do Brasil.

O modelo como era concebido o ensino por vezes contribuía para a perpetuação da discriminação contra os alunos negros, impedindo a convivência multiétnica saudável. A implementação da lei permitiu a mudança da forma de enxergar o negro na sociedade e deixou para trás o modo racista de abordarmos esse tema. Assim, a cultura afro deixa de ser vista como uma questão festiva a ser comemorada apenas no dia Nacional da Consciência Negra, e passa a ser tratada como uma questão educacional de organização social, aponta Neto (2009).

Para que a lei deixe de ser somente mais uma imposição estatal e possa dar origem às consequências benéficas para o país, é necessária uma reestruturação do ensino. Em síntese, os professores encarregados de tratar do assunto no meio educacional devem estudar a fundo os temas em questão, precisam ter a sua disposição material didático específico e devem ensinar de forma imparcial os alunos (HILÁRIO e VIEIRA, 2014, p.4).

Em relação ao papel da escola, Santos (2006) ressalta a extrema importância de a mesma atender às exigências da vida social, passando a formar cidadãos com habilidades necessárias e facilitadoras em prol da inserção social. Por conseguinte, notamos que a escola tem a função de formar cidadãos cientes de seu papel na sociedade, capacitados para aceitar e respeitar a diferença do outro e sua cultura eminente, podendo assim se inserir no meio social. Os conteúdos afro e afro-brasileiros podem contribuir na formação desses cidadãos, pois, vivenciando essas

manifestações culturais, quebrarão todos os estereótipos preconceituosos contra a cultura africana e afro-brasileira.

[...] criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas 'originais'; significa também, e, sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, 'socializá-las' por assim dizer; transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral (GRAMSCI, 1981, p.13).

A cultura afro-brasileira é um legado para o povo brasileiro e como tal deve ter seu valor reconhecido e respeitado na sociedade, apesar das inúmeras possibilidades de trabalhos que podem ser realizados nas escolas, especificamente considerando as aulas de Educação Física, vemos um rompimento no que diz respeito ao cumprimento da lei que estabelece a obrigatoriedade do ensino de conteúdos da cultura afro e ao mesmo tempo uma valorização dos conteúdos da cultura europeia, e em seu artigo, Corrêa (2012), completa: “as vivências dos estudantes são basicamente em esporte, dança e ginástica de origem europeia.”.

Segundo Cunha (1989, p.155):

A arte afro-brasileira é uma expressão convencionada artística que, ou desempenha função no culto dos orixás, ou trata de tema ligado ao culto. Esta maneira de definir o campo, ligando-o a religiões vivas que apelam para uma ascendência africana, traz aparentes anomalias, ligadas precisamente à vitalidade e, portanto, a apropriação de símbolos novos por essas religiões.

Corrêa (2012) afirma que devido à visão “higienista” da Educação Física (que predominou até a Segunda Guerra Mundial) a influência dos esportes coletivos, futebol, vôlei, handebol e basquete cresceu e predominou na EF escolar, e enquanto essas práticas corporais oriundas de jogos populares europeus eram valorizadas, as de origem Afro-brasileiras eram proibidas e criminalizadas.

Produzir cultura faz parte da essência do ser humano. Segundo Reis e Pereira (2011) a cultura proporciona ao indivíduo novas formas de conhecer o mundo, as particularidades construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social. Nesse sentido, é fundamental atentarmos para a cultura afro-brasileira como arcabouço teórico a ser ensinado nas aulas de Educação Física, como valorização, identidade e reconhecimento.

Tentar compreender o que é cultura, segundo Santos (2003) tornou-se uma preocupação contemporânea, abarcar os caminhos, as relações humanas e seus pontos de vista, entender a trajetória histórica a qual conduziu os grupos humanos

as suas perspectivas de mundo e de futuro. O altruísmo do ser humano e seu desenvolvimento é marcado por conflitos entre modos divergentes de construção da vida social, de apropriação dos recursos naturais e da transformação dos mesmos, isto é, de conceber e expressar a realidade.

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos. As variações nas formas de família, por exemplo, ou nas maneiras de habitar, de se vestir ou de distribuir os produtos do trabalho não são gratuitas. Fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência. Entendido assim, o estudo da cultura contribui no combate a preconceitos, oferecendo uma plataforma firme para o respeito e a dignidade nas relações humanas (SANTOS, 2003, p. 8).

Para Daolio (2004, p. 9) “pensar a Educação Física a partir de referenciais das ciências humanas traz necessariamente a discussão do conceito de "cultura". Vemos então a necessidade de se trabalhar com a cultura afro-brasileira, não apenas na data comemorativa em homenagem ao negro, mas, em vários momentos durante o ano letivo, não somente como forma de lembrar a contribuição dos povos africanos para a formação do povo brasileiro e sim como forma de valorização desta cultura. Sabemos que são muitos os elementos que agregam a cultura afro-brasileira, havendo uma diversidade de conteúdos que podem ser trabalhados. Assim, as aulas de Educação Física e demais disciplinas escolares podem e devem proporcionar vivências desta manifestação cultural, visando não apenas práticas corporais, mas também conteúdos históricos e sociais que possibilitem a construção de uma nova mentalidade de respeito ao negro, independente da sua crença, etnia, e classe social.

As aulas de Educação Física, se trabalhadas numa perspectiva crítica, podem proporcionar oportunidades de convívio e respeito entre as diferenças. Os conteúdos da cultura afro-brasileira devem ser trabalhados igualmente as modalidades esportivas, tais como, handebol, futsal, vôlei, basquete, dentre outras. “É preciso valorizar e permitir que o aluno (a) possa expor as manifestações corporais presentes em suas comunidades, onde muitos são de origem e pertencentes à religião de matriz africana” (REIS e PEREIRA, 2011, p.2).

A expansão das religiões afro-brasileiras, assim como a multiplicação de “novos movimentos religiosos” contemporâneos, se inscreve no contexto da modernidade, não como fuga utópica para fora da modernidade, mas como

uma saída de socorro simbólico à crise da modernidade, saída portadora de um componente protestatário contra a modernidade, ao menos implicitamente (ORO, 1995).

Podemos a partir das conclusões do autor, afirmar que, a contínua luta contra a intolerância religiosa, pautando as religiões afro-brasileiras, se dá diariamente com novos e crescentes movimentos que estão cada vez maiores na sociedade moderna, não atribuindo a sociedade tais méritos e sim a tática de revolução e protesto contra a crise enfrentada.

1.1. Identidade cultural e o negro na sociedade capitalista

Nesse tópico iremos abordar sobre o conceito de Identidade a partir de Stuart Hall e entender como se deu a inserção do povo negro (ex-escravos) no mercado de trabalho e na sociedade brasileira.

Pautando a identidade cultural que está ganhando cada vez mais espaço na teoria social, Hall (2005) explica que “o movimento do homem se fragmenta com os variados espaços e passam por diversas culturas”. O identificar-se se torna provisório e instável, a identidade é uma espécie de “celebração móvel” assim, definida historicamente e não biologicamente. Podemos compreender que não é algo fixo, imutável ou mesmo inato. A identidade seria um constante processo de construção social e, portanto cultural na vida do sujeito humano. E neste sentido discutir a identidade cultural afro-brasileira nas aulas de Educação Física é também, permitir que o sujeito possa construir sua identidade a partir do reconhecimento histórico de seus antepassados.

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós" contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2005, p. 11).

Para Hall (2005) conceito de Identidade é complexo, pouco compreendido, seu livro explora questões sobre a identidade cultural, avalia a chamada crise de identidade e também denomina três conceitos distintos sobre ela: a do sujeito do iluminismo, que segundo ele “estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior”; no sujeito sociólogo, “refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", o que originou o chamado sujeito pós-moderno:

[...] conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente (HALL, 2005, p.12).

Quando trabalhamos na construção de uma identidade que nos define como pessoa, estamos buscando um reconhecimento histórico e cultural. Para se construir uma identidade, necessitamos de um referencial, um processo de construção de reconhecimento pessoal baseado na sociedade que vivemos.

1.2. Arte e Cultura Afro-Brasileira

Para que haja a inserção das práticas que fazem parte da cultura afro-brasileira é importante identificá-las, para assim, adquirir os conhecimentos necessários para trabalhar em sala de aula. Cabe ao professor de Educação Física entender e conhecer algumas dessas manifestações, como e quando surgiram. As mais conhecidas são: “a capoeira, o carnaval e os rituais religiosos, sendo que todas envolvem a dança, o canto, o jogo, a música e sempre repletas de espiritualidade” (CORRÊA, 2012).

Segundo Cunha (1989, p.155):

A arte afro-brasileira é uma expressão convencionada artística que, ou desempenha função no culto dos orixás, ou trata de tema ligado ao culto. Esta maneira de definir o campo, ligando-o a religiões vivas que apelam para uma ascendência africana, traz aparentes anomalias, ligadas precisamente à vitalidade e, portanto, à apropriação de símbolos novos por essas religiões.

Para Daolio (2004), trabalhar o conceito de "cultura" tornou-se um dos principais temas abordados na área de Educação Física no Brasil. Em seu livro "Educação Física e o conceito de cultura" ele trata desse tema olhando a partir da perspectiva da antropologia social, e analisa como alguns dos principais autores da Educação Física brasileira descrevem o significado de "cultura".

Tenho afirmado em outros trabalhos que "cultura" é o principal conceito para a Educação Física, porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, desde os primórdios da evolução até hoje, expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos. O profissional de Educação Física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e aos movimentos humanos, historicamente definidas como jogo, esporte, dança, luta e ginástica. O que irá definir se uma ação corporal é digna de trato pedagógico pela Educação Física é a própria consideração e análise desta expressão na dinâmica cultural específica do contexto onde se realiza (DAOLIO, 2004, p.9).

Para entendermos melhor a importância dessas manifestações é indispensável conhecermos um pouco sobre o seu processo histórico. De acordo com Santos (2002) a Capoeira como um elemento de nossa identidade cultural afro-brasileira, é composta por diversos sentidos e significados, ao mesmo passo que a Capoeira se agrega com a história da cultura brasileira, também possibilita diferentes formas de comunicação.

A capoeira encerra em seus movimentos a luta de emancipação do negro no Brasil escravocrata. Em seu conjunto de gestos, a capoeira expressa, de forma explícita, a "voz" do oprimido na sua relação com o opressor. Seus gestos, hoje esportivizados e codificados em muitas "escolas" de capoeira, no passado significaram saudade da terra e da liberdade perdida: desejo velado de reconquista da liberdade que tinha como arma apenas o próprio corpo. Isso leva a entender a riqueza de movimento e de ritmo que a sustentam, e a necessidade de não a separar de sua história, transformando-a simplesmente em mais uma "modalidade esportiva" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 53)

O Coletivo de autores (1992) reforça a ideia de que a Educação Física brasileira deve abordar os conteúdos relacionados à capoeira enquanto uma

manifestação cultural, contextualizá-la historicamente e trazer a importância desse movimento cultural que surgiu a partir de uma reivindicação política.

Silva (2003) afirma que a capoeira teve sua origem no Brasil Colônia, onde, os escravos que foram trazidos à força da África Ocidental, fizeram de seu corpo um aliado para expressar seus sentimentos, e indignações. Nesse mesmo período em que a capoeira foi reprimida pela sociedade, Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha), um modelo na luta pela liberdade desta expressão corporal negra, dizia “Eles sabiam que eu jogava Capoeira, então queriam me desmoralizar na frente do povo. Por isso, bati alguma vez em polícia desabusado, mas por defesa de minha moral e de meu corpo.”.

Com base nas diferentes formas de vivenciar a capoeira é que Silva (2003, p. 35), assegura: “[...] Capoeira é dança, é luta brincadeira, é combate, mandingueira e objetiva, malandra e vadia: a Capoeira é a resistência de um povo integrado à massa, é cultura, é raça, enfim, é o fenômeno do inacabado”.

“Todos os acontecimentos da vida africana são comemorados com música e especialmente com dança [...] (GUERRA, 2009, p.1)”. Essa autora revela em sua obra “Danças brasileiras de matriz africana” que a dança originou-se na África como algo essencial a vida daquela comunidade, uma forma de cessar a monotonia, acentuar a integração entre os membros da aldeia e integrar homens, mulheres e crianças numa só melodia, no batuque.

As matrizes africanas que contribuíram para moldar a cultura e a música brasileira são aqui examinadas. Das congadas ao samba, passando pelos afoxés e blocos afro, a presença de elementos musicais e religiosos provenientes da África é marcante na nossa história, como ainda hoje se evidencia nas escolas de samba e nos sambas-enredo. Mas atualmente se constata também uma progressiva desafricanização da música popular brasileira, o que aponta para o fenômeno da globalização do gosto. [...] do batuque dos povos bantos de Angola e do Congo originaram-se os principais ritmos e danças do Brasil e das Américas, como o Samba e o Jongo (LOPES, 2006, p. 2).

De acordo com Lopes (2006) a presença de elementos musicais oriundos da África é acentuada em nossa história, como vemos até hoje, parte da cultura brasileira é marcada pelas tendências trazidas na identidade dos povos africanos que aqui aportaram.

A dança, como manifestação cultural, faz parte da história da humanidade. Em todos os registros históricos, encontra-se a presença da dança em rituais religiosos, festas populares, nas atividades sociais de salão e em manifestações artísticas ou de espetáculos.

Já Souza (2000) assinala que, na cultura afro-brasileira, a dança está presente em todos os espaços de sua manifestação: “nos momentos litúrgicos, nas festividades populares, nos salões e nos palcos, considerando que a dança afro-brasileira é uma transcendência dos rituais religiosos de culto aos orixás”. “No entanto, não se pode confundir dança afro-brasileira presente nos rituais, com dança artística afro-brasileira, que, muitas vezes, se inspiram em rituais” (CORRÊA, 2012, p. 5).

As danças que possuem influências africanas, na maioria das vezes, são feitas em círculos ou em fileiras, com pés descalços em respeito à terra, os dançarinos batem palmas, cantam, revelam sua essência e habilidade sonoro-corporais, a dança é a sua forma de contar sua própria história, diz Guerra (2009).

É fato que a música brasileira é repleta de influência africana, o povo negro que foi trazido a força, num regime escravista, trouxe consigo tradições e história que se moldaram às novas terras.

No Brasil, existe uma longa trajetória de identificação da população com as sonoridades de matrizes africanas, desde o surgimento do Samba e sua posterior associação como ritmo nacional durante a era Vargas na década de 30, até as recentes reapropriações das musicalidades africanas por artistas brasileiros contemporâneos. Analisar o modo como se processam estes fenômenos ligados à produção do imaginário acerca de África na produção musical da contemporaneidade é compreender qual a relevância que as diferentes culturas africanas representam hoje para a sociedade brasileira (LEMOS, 2013, p.8-9).

Para Lemos (2013) há muita influência africana na música brasileira, devido à variedade cultural dos povos que aqui aportaram, entende-se que a musicalidade do Brasil em diversas partes do país está influenciada direta, ou indiretamente com matizes africanas.

Nestes versos podemos perceber a ligação feita pelo poeta entre as manifestações negras tradicionais da Bahia e o Samba, denotando que a Bahia seria o berço das musicalidades de matrizes africanas no Brasil, especialmente do Samba. Na composição, também há a presença da saudação *Saravá*, típica de religiões de matrizes africanas, um pedido de bênção, que Moraes faz na composição à Iyalorixá Mãe Senhora, do terreiro baiano Ilê Axé Opô Afonjá, e a diversos sambistas tradicionais como Pixinguinha, Ismael Silva, Heitor dos Prazeres, entre outros. Da letra da canção, Barouh tirou o nome de sua gravadora e título do seu filme, *Saravah*, uma saudação à música brasileira de raízes africanas,

representadas aqui através das musicalidades e dos artistas apresentados através de Baden Powell (LEMOS, 2013, p. 40).

Corrêa (2012) diz que o samba e o carnaval são expressões da cultura afro-brasileira, que têm grande significado nacional e internacional. O Samba significa, segundo alguns povos de Angola, brincar ou divertir-se num ritmo.

Os jogos da cultura africana que tiveram influência no Brasil, assim como outros jogos, têm particularidades em relação ao gênero e a idade. Para Huizinga (2000) o jogo é uma atividade livre, conscientemente tomada como ‘não séria’, uma atividade que se desliga de todo o resto, algo lúdico, divertido, sem fins lucrativos ou qualquer interesse material, praticado dentro de um determinado espaço e tempo próprio.

Para Pereira et al. (2009) jogos e brincadeiras em suas essências, estão voltados para o campo educacional e prepara, a criança para vida, restringido apenas aos limites físicos, ou seja, todo jogo tem um significado.

Alguns jogos africanos são:

Matacuzana, descrição: Consiste em lançar com as mãos pedrinhas ou castanhas de caju do solo para o alto. Os participantes podem ir formulando ou alterando as regras como: “jogar a semente para cima e pegar com a mão contrária”, “quem deixar cair à semente que jogou devolver as que ganharam em outras partidas”.

My God (Meu Deus) colocamos latas (de achocolatado, ervilhas, milho ou similares) e dividimos o grupo em dois, cada um em uma das laterais da quadra ou pátio. No centro empilhamos as latas (em torno de 5). Um grupo tem por meta derrubar as latas com uma bola (de borracha ou de meia) e/ou queimar as crianças do outro grupo impedindo que estas empilhem as latas novamente (PRISTA; TEMBE; EDMUNDO, 1992 apud PEREIRA et al 2009, p. 11).

Vemos claramente, nos exemplos acima, a forma de como os nossos jogos foram influenciados com os da cultura afro, a semelhança é algo inegável. Matacuzana na nossa variação tornou-se Cinco Marias ou Giribita, My God é muito similar ao que denominamos “Sete pedras” ou “Salva latinha”.

A culinária brasileira teve uma importante contribuição dos povos africanos, combinadas com culinárias europeias e indígenas resultaram em sabores singulares que fazem parte diariamente do povo brasileiro.

Os africanos trouxeram consigo sabores de suas culinárias e temperos que contribuíram a favor de comidas típicas em algumas regiões brasileiras, principalmente no Nordeste que é rico na diversidade gastronômica afro-

brasileira, ganhando aromas e sabores em doces, salgados e quitutes saboreados em outros países, cada um com o toque de criatividade do cozinheiro que o deixa mais apetitoso. O acarajé é uma guloseima típica da Bahia, o quibebe, caruru, abará, bobó pequeno, bolo de massa de feijão dentre outros alimentos vindos de alguns povos como: Jeje, Angola e Moçambique na África (BATALHA e SILVA, 2015, p. 4).

Batalha e Silva (2015) relatam em sua obra, que as servas africanas eram responsáveis pela cozinha das fazendas, casas-grandes dentre outros locais, assim, era consentida a transmissão da influência africana na alimentação, com seus temperos e misturas peculiares, tais como, “azeite-de-dendê, leite de coco-da-baía e a ardosa pimenta malagueta. Nessa mistura de temperos o povo aprendeu a inventar o acarajé, o vatapá, o cuscuz, o caruru, o mungunzá, o angu, a pamonha e muitas outras iguarias” (BATALHA e SILVA, 2015, p.4). Vale salientar que os escravos se alimentavam apenas com os restos e sobras.

1.3. A integração do negro na sociedade de classes: um olhar a partir dos estudos de Florestan Fernandes

A 5ª edição do livro de Florestan Fernandes, “A integração do negro na sociedade de classes” trata do período desde a época colonial até 1960, onde o mesmo procura construir um modelo de interpretação. O autor adota várias perspectivas, com influência de sociólogos como Marx, Weber e Durkheim, fazendo uma ligação entre o arcaico e o moderno e como as estruturas arcaicas persistem no mundo moderno e como esse mundo moderno se alimenta dessas estruturas.

Os problemas políticos que os absorviam diziam respeito a indenização e aos auxílios para amparar a “crise da lavoura”. A posição do negro no sistema de trabalho e sua integração à ordem social deixam de ser matéria política. Era fatal que isso sucedesse (FERNANDES, 2008. p.30).

Quando falamos em integração e quando voltamos aos dados demográficos, não vemos como força de trabalho a presença do negro e sim a presença dos trabalhadores assalariados dos imigrantes brancos, italianos, portugueses e espanhóis, sendo que alguns desses acabaram se transformando em grandes empresários.

[...] o liberto se defrontou com a competição do imigrante europeu, que não temia a degradação pelo confronto com o negro e absorveu, assim, as melhores oportunidades de trabalho livre e independente (mesmo as mais modestas, como a de engraxar sapatos, vender jornais ou verduras,

transportar peixe ou outras utilidades, explorar o comércio de quinquilharias etc.)[...] todas as posições estratégicas da economia artesanal e do pequeno comércio urbano eram monopolizadas pelos brancos e serviam como trampolim para as mudanças bruscas de fatura, que abrilhantam a crônica de muitas famílias estrangeiras (FERNANDES, 2008. p.33).

No trabalho de Florestan aparece o termo “ordem social competitiva”, apenas aqueles que estavam adequadamente socializados para entrar nessa ordem social e automaticamente se integrar nessa estrutura de classe puderam se estabilizar economicamente no país. Com esses e muitos outros argumentos, o autor tenta demolir os paradigmas que foram estabelecidos sobre “democracia racial” e sua falsa “consciência social”.

Em suma, a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de se reeducar e de se transformar para corresponder aos novos padrões e ideias de ser humano, criado pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e do capitalismo (FERNANDES, 2008. p.35).

Fernandes (2008) traz o negro como exemplo de luta. Diz que os mesmos foram impedidos por um conjunto de elementos e circunstâncias de controle social do mundo dos “brancos” de se tornarem “sujeito” dos processos sociais, para ele, o dia em que nos tornarmos sujeitos desse processo, poderemos construir um Brasil menos excludente, mais igualitário, e com mais justiça social.

Para Fernandes (2008) só havia preocupação com o destino do negro enquanto este era ligado à lavoura, após a abolição da escravatura em 1888 com a assinatura da lei Aurea a atenção dos senhores se restringe unicamente aos seus interesses. Os libertos tinham agora que ser responsáveis por si e pelos seus dependentes, mas não havia como executar tal proeza, pois o mercado que antes os exploravam, passa agora a ser a base do sustendo de povos brancos, com o chamado trabalho assalariado.

[...] os ex-escravos tinham de optar, na quase totalidade, entre a reabsorção no sistema de produção, em condições substancialmente análogas às anteriores, e a degradação de sua situação econômica, incorporando-se à massa de desocupados e de semi-ocupados da economia de subsistência do lugar ou de outra região. Onde a produção atingia níveis altos, refletindo-se no padrão de crescimento econômico e de organização do trabalho, existiam reais possibilidades de criar um autêntico mercado de trabalho: aí os ex-escravos tinham de concorrer com os chamados “trabalhadores nacionais”, que constituíam um verdadeiro exército de reserva (mantido fora de atividades produtivas, em regiões prósperas, em virtude da degradação do trabalho escravo) e, principalmente, com a mão de obra importada da Europa, com frequência constituída por trabalhadores mais afeitos ao novo

regime de trabalho e às suas implicações econômicas ou sociais (FERNANDES, 2008, p.31).

De acordo com Fernandes (2008), essa concorrência no mercado de trabalho prejudicou imensamente aos ex-escravos que não tinham nenhum preparo para enfrentá-la e favorecia aos senhores donos de terras e fazendeiros. Os negros agora, perdiam seu valor de mão-de-obra exclusiva e ficavam a margem da sociedade.

[...] a cidade alcançava, em termos da organização do trabalho livre e da integração da ordem social competitiva, posição simétrica à que teve no começo do século XIX, em termos da organização do trabalho escravo e da integração da ordem social escravista. Só que o fator humano preponderante passou a ser o agente por excelência do trabalho livre, o imigrante. Em função dos números arrolados, os “estrangeiros” entravam, ainda, com 62% do contingente da população descrita como branca e correspondiam quase a cinco vezes a população negra e mulata da cidade, composta de 14.559 indivíduos (FERNANDES, 2008. p.40).

Alguns dados trazidos por Florestan mostram que onde havia maior número de estrangeiros, a presença de negros e mulatos era quase inexistente e o mesmo acontecia quando era o inverso. Em locais com grande concentração de negros, a presença de estrangeiros era escassa.

O impacto causado pela competição no mercado aniquilou as possibilidades que o negro tinha de estabilidade social, o branco conseguia manter e até elevar sua posição social e de poder, os imigrantes trocavam de ocupação e de posição na busca de riqueza e prestígio social, enquanto os negros disputavam as pequenas oportunidades as margens do sistema “começando bem por baixo”.

O imigrante aparece como o lídimo agente do trabalho livre e assalariado, ao mesmo tempo em que monopoliza, praticamente, as oportunidades reais de classificação econômica e de ascensão social, abertas pela desagregação do regime servil e pela constituição da sociedade de classes. Diante do negro e do mulato se abrem duas escolhas irremediáveis, sem alternativas. Vedado o caminho da classificação econômica e social pela proletarianização, restava-lhes aceitar a incorporação gradual à escória do operariado urbano em crescimento ou se abater penosamente, procurando no ócio dissimulado, na vagabundagem sistemática ou na criminalidade fortuita meios para salvar as aparências e a dignidade de “homem livre (FERNANDES, 2008, p.44).

Entre os brancos, haviam aqueles que apoiavam o regime escravista e que automaticamente estavam coniventes com aquela situação de desfavorecimento de negros e mulatos. Em contrapartida também se encontravam brancos que eram

contrários à escravidão, que fizeram parte das campanhas abolicionistas e se manifestaram contra a “desumanidade” dos poderosos e a indiferença geral perante a miséria material e os dramas morais dos libertos. Nos diz Fernandes (2008, p.47).

O importante do ponto de vista sociológico, consiste em que não se veja em cada aspecto “negativo” um produto direto da herança cultural da escravidão. É certo que esta era limitativa, predispondo o antigo agente do trabalho escravo a se conduzir segundo inspirações pré-capitalistas. Mas, além e acima disso, contam outros fatores, que desafiam o negro e o mulato a enfrentar o mercado de trabalho como se nele ainda imperasse o “tráfico negreiro”.

Para Fernandes (2008) “esse quadro de referência permite compreender e explicar tanto o “porquê” quanto o “sentido” da irracionalidade do comportamento dos libertos”. O negro e o mulato pretendia receber as mesmas condições de trabalho que eram dadas aos imigrantes, porém não conseguiam reivindicar contra as tarefas, muitas vezes abusivas dos patrões, trazendo de volta aspectos do seu antigo regime de trabalho para a nova ordem social associada ao trabalho livre, diferente dos imigrantes que só vendiam sua força de trabalho em condições pré-estabelecidas no processo contratual.

Aliás, resumindo as observações pertinentes a esse processo, escreve Evaristo de Moraes: “O escravo, em regra, não ia para longe [...] retirava-se às vezes, somente, da fazenda em que sofrera coação e os rigores do cativeiro; fugia, apenas, à senzala, que tão dolorosas recordações lhe trazia. Dirigia-se a outra fazenda próxima e procurava contratar seus serviços”. Em seguida à abolição, a mesma coisa continuou a ocorrer, apenas com maior mobilidade da mão-de obra negra e mulata (FERNANDES, 2008. p.50).

Para os negros recém libertos do trabalho escravo era muito difícil continuar na fazenda que viveram torturados, por esse motivo saíam em busca de emprego e viajavam para tentar a sorte em outras localidades, infelizmente muitos acabavam voltando, pois, e tentava conseguir emprego com o antigo senhor. “A deserção das fazendas se daria quando os antigos senhores não compreendiam sua condição de libertos, tratando-os como se ainda fossem escravos” (FERNANDES, 2008 p. 50).

O novo regime de trabalho e a grande quantidade de mão-de-obra fizeram com que o colono eliminasse o negro das ocupações a quais já estavam acostumados. Nesse dilema entre colonos e libertos se estabeleceu uma ordem social competitiva e a sociedade de classes no Brasil. “Todo processo se orientava,

pois, não no sentido de converter, efetivamente, o “escravo” (ou o liberto) em “trabalhador livre”, mas de mudar a organização do trabalho para permitir a substituição do “negro” pelo “branco” (FERNANDES, 2008, p. 52).

Os movimentos abolicionistas e as rebeliões nas senzalas deram um pano de fundo e uma cobertura moral extremamente vantajosos aos círculos sociais que encontraram condições para canalizar e capitalizar politicamente as insatisfações contra o “antigo regime”. Mas o que se fez de um golpe e depois se consolidou por meio de sucessivas medidas jurídicas, administrativas e políticas foi romper as barreiras que detinham o afluxo da mão-de-obra estrangeira, reprimiam o desenvolvimento do trabalho livre e paralisavam os surtos progressistas da livre iniciativa (FERNANDES, 2008. p. 56).

As ideologias abolicionistas assim como a recusa por parte dos libertos foram, segundo Fernandes (2008), manipuladas estrategicamente em prol do interesse dos senhores donos de grandes propriedades que tinham em mãos o controle do mercado de exportação do café; e por incrível que pareça, foram esses senhores que impulsionaram os movimentos anti-escravistas dando-lhes uma orientação contrária ao “ardor redencionista” dos escravos.

Sem as garantias de reparações materiais e morais escrupulosas, justas e eficazes, a abolição equivalia – nas zonas de vitalidade da lavoura cafeeira – a condená-lo à eliminação no mercado competitivo de trabalho ou, no mínimo, ao aviltamento de sua condição, como agente potencial de trabalho livre. Longe de equipará-lo ao trabalho assalariado branco, estrangeiro ou nacional, expunha-o fatalmente, de modo previsível e insanável, ao desajustamento econômico, à regressão ocupacional e ao desequilíbrio social (FERNANDES, 2008. p. 56).

Podemos assim concluir, a partir dos estudos do autor, que os ex-escravos foram jogados a própria sorte e passaram a sofrer consequências impostas pela nova ordem social, de um mercado excludente que originou a sociedade de classes, competitiva, sem garantias ou reparações de abusos sofridos no antigo regime escravista pelo qual os negros passaram injustamente, sendo explorados, espancados, violentados e mortos. Através dos estudos de Florestan, cai por terra o mito da “democracia racial” brasileira.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DOCUMENTAL DA DISCIPLINA MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

O estudo trata-se de uma análise documental, retrospectivo, valendo-se de registros que não receberam um tratamento analítico. O universo da pesquisa deu-se pela necessidade de analisar a importância dos conteúdos abordados em sala de aula acerca da Identidade Cultural Afro-Brasileira no componente curricular “Manifestações Culturais”.

Inicialmente, foi realizada a leitura de todos os documentos para que fosse possível selecionar aqueles que apresentavam dados importantes para a investigação. Para desenvolver o trabalho analítico, foram utilizadas como fonte principal a ata e os programas da disciplina, ambas concedidas pelo professor Itamar Souza. De forma complementar, foram realizados levantamentos de referências bibliográficas sobre o contexto sócio histórico abordado.

No total foram analisadas seis fontes, assim distribuídas: dois programas da disciplina de Manifestações Culturais referentes aos anos de 2014.2 e 2015.2, ata de reunião da comissão das disciplinas língua brasileira de sinais e cultura afro-indígena e as leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 que garantem o ensino de História Africana e Afro-brasileira, e o Parecer da comissão sobre o Componente curricular Cultura Afro-Indígena.

A ata foi realizada em junho de 2013 com o objetivo de avaliar o encaminhamento e o bom andamento da aprovação dos componentes curriculares LIBRAS (Decreto Federal nº 5.626) e Cultura Afro-Indígena em atendimento ao Decreto às leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. Os professores integrantes da comissão fizeram leitura, estudo e discussão das leis e resoluções, concluíram que os componentes curriculares eram de caráter obrigatório, sendo desenvolvido com carga-horária de 60 horas.

Relacionado ao componente LIBRAS, a comissão notou que há obrigatoriedade de que o docente tenha como pré-requisito a graduação de Licenciatura em Letras: Libras ou Letras, Libras/Língua Portuguesa como segunda língua, entretanto não havia pré-requisito nem empecilhos para o professor

licenciado em Educação Física ministrar a disciplina de Cultura Afro-Indígena, assim, encaminharam um parecer ao Colegiado de Educação Física para consubstanciar os encaminhamentos necessários.

No parecer, a comissão embasou-se em alguns documentos, entre eles o Parecer CNE/CP nº 3, de 10 de março de 2004 e a Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004 o Parecer CNE/CEB nº 2/2007, de 31 de janeiro de 2007 e as leis de números nº 10.639/2003 e nº 11.645 de 2008; ementa do componente curricular Manifestações Culturais (60h). Documentos estes que instituem e abrangem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Após análise dos documentos, a comissão considerou que a temática era de total relevância para a formação dos discentes do curso de Licenciatura em Educação Física e que esta discussão seria contemplada no Componente Manifestações Culturais.

O Parecer CP/CNE 3/2004 e a Resolução CP/CNE nº 1/2004, afirmam que:

Nas instituições de ensino superior, a educação das relações étnico-raciais e o estudo de história e cultura afro-brasileira e história e cultura africana poderão ser desenvolvidos em disciplinas curriculares, atividades complementares, conteúdos de disciplinas curriculares, iniciação científica/práticas investigativas, extensão (cursos e serviços) [...] Na organização curricular dos cursos superiores (licenciaturas) destinados à formação de professores para a Educação Básica, a História e Cultura Afro-Brasileira dever ser disciplina obrigatória, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. As instituições de ensino, em todos os níveis, devem promover ampla divulgação do parecer CP/CNE3/2004 e da Resolução CP/CNE nº1/2004.

De fato, em nenhum dos documentos menciona-se a exigência quanto à formação específica em História para o ensino do componente citado; dessa forma, não há impedimento legal para que os professores do curso de Licenciatura em Educação Física possam ministrar a disciplina. Mas, percebemos a importância desse professor ter uma especialização, formação ou experiência para tratar desses conteúdos, uma vez que, a Educação Física vem tendo grandes autores pesquisadores que contribuem com essa temática.

Partindo do que consta na Ementa do Componente Manifestações Culturais que trata a importância do “Estudo da cultura indígena e afro-brasileira: análise e reflexão”, “Difusão do conhecimento: científico, tecnológico e domínio popular”, “Produções históricas e influência na cultura corporal contemporânea”, a comissão

considerou importante que o componente curricular em questão fosse ministrado por um professor com formação em Educação Física e com especialização em questões Étnico-Raciais “tendo em vista a necessidade de relacionar as discussões Étnico-Raciais com a especificidade dessa área do conhecimento, ou seja, a cultura corporal e suas diferentes formas de manifestação do povo brasileiro” (Parecer da Comissão, 2013).

2.1. Programa da disciplina manifestações culturais

Tendo em mãos os programas da disciplina em análise, referente ao semestre 2014.2, que teve início dia 03/09/2014 e finalizou no dia 17/12/2014, e o semestre 2015.2 que teve início em 18/09/2015 e findou no dia 12/12/2015, podemos identificar o título da ementa do componente “Estudo da cultura indígena e afro-brasileira: análise e reflexão. Difusão do conhecimento: Científico, tecnológico e domínio popular. Produções históricas e influências na cultura corporal contemporânea”. Assim o objetivo do professor que assumiu a disciplina, foi possibilitar aproximações entre os estudantes do curso de Educação Física e os conhecimentos sobre a cultura de origem afro-indígena-brasileira, tendo em vista as interfaces estabelecidas com a formação do professor de E.F no trato com as diferentes práticas corporais. A disciplina foi ofertada aos alunos (as) do VIII semestre do Curso de Licenciatura em Educação Física, e trazia 50h de conteúdo teórico e 10h de práticos, com limite de 15 faltas para o (a) discente.

Como conteúdo programático de ensino para a I unidade (intitulada “Trabalho e Cultura na Formação Humana”), o programa trazia: Cultura: “Um conceito antropológico; O trabalho como categoria ontológica do ser social; O que nos faz humanos?; A formação humana na teoria Histórico-Cultural: a passagem do biológico ao cultural; Índios no Brasil: Quem são eles? E Quanto vale um Índio?”. Na II unidade (Educação e relações Étnico-raciais no Brasil), o professor trabalhou com: “A percepção da África e sua relação com o Brasil; As três visões sobre cor e raça no Brasil; A construção do racismo “científico” do século XIX; Cor, raça e racismo na sociabilidade brasileira; Desafios do ensino sobre indígenas nas escolas; Índios no Brasil: História, contextos e conflitos na sociedade brasileira”. Na terceira e última Unidade (Educação Física e as Práticas Corporais afro-indígena-brasileira) os conteúdos foram: Os jogos tradicionais da cultura popular: influências indígenas,

africanas e europeias; Práticas corporais dos povos indígenas; Práticas corporais em comunidades quilombolas”.

No programa, faz-se análise e reflexão do estudo da cultura indígena e afro-brasileira, objetivando aproximar os estudantes do curso de Educação Física dos conhecimentos sobre a cultura de origem afro-indígena-brasileira, deixando-os cientes dos desafios de articulação desta temática. Por meio de visitas a terreiros, grupos de capoeira, associações de dança afro, etc., pretende-se trabalhar com os discentes os estereótipos, preconceitos e racismo que a classe afro-indígena-brasileira sofre, compreendendo os sentidos e significados das suas práticas corporais.

Como metodologia, o professor da disciplina discorreu:

Metodologicamente os conteúdos temáticos serão desenvolvidos a partir da prática social dos alunos, dos seus conhecimentos prévios, tendo em vista o diálogo com a literatura específica de saberes que possa levar os estudantes a construir formas mais elaboradas de conhecimento de acordo suas possibilidades enquanto sujeito histórico.

Dessa forma, todos devem se comprometer academicamente com a disciplina, para que assim, todos os objetivos sejam alcançados. Os alunos foram acompanhados, tendo suas limitações, dificuldades e potencialidades notados, obtendo a ajuda no processo ensino-aprendizagem.

A avaliação se deu da seguinte forma:

Entendendo a avaliação enquanto parte de um processo, o professor e os estudantes devem se comprometer academicamente com a disciplina, para que a mesma possa contemplar seus objetivos. Desta forma, utilizaremos duas formas de avaliação: (I) A Avaliação Formativa, cuja finalidade é acompanhar o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, percebendo limitações, dificuldades e potencialidades; (II) A Avaliação Somativa, onde através de vários instrumentos serão atribuídas notas para aprovação dos estudantes.

Nesse processo de avaliação foi cobrada a materialização de uma proposta com a temática da disciplina que teve como referência o Estágio Supervisionado, também se cobrou uma produção midiática sobre as manifestações Afro-Indígenas e suas práticas e finalizou-se com apresentação de seminário.

2.2. No trato com a lei 10.639/03

Para incluírem conteúdos/atividades no sistema escolar direcionadas à História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, em 09 de janeiro de 2003 entrou em vigor a Lei 10.639 que alterou os artigos 26-A e 79-B, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 determinando a obrigatoriedade de estudos relacionados à temática acima, passando a vigorar com as seguintes modificações:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra' (BRASIL, 2003, n.p.).

Esta Lei veio a causar certa inquietação no meio acadêmico. Para que se cumprisse a lei era necessária uma alteração efetiva, tanto na grade curricular, quanto na formação continuada dos docentes. A busca para suprir essa demanda promoveu o surgimento de livros, publicações, artigos e cursos de história e cultura Afro-Brasileira. O reconhecimento da importância da Lei para a conscientização das diferenças e do preconceito evidentes no Brasil motivou simpósios, semanas acadêmicas e discussões em salas de aulas das universidades.

A Lei nº 11.645, sancionada no dia 10 de março de 2008, na metade do segundo mandato do presidente Lula, assim como a Lei nº 10.639/03, alterou a Lei nº 9.394/96 e acrescentou a obrigatoriedade do ensino de cultura Indígena, juntamente com o ensino de Cultura Afro-Brasileira.

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e de Ensino Médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos Indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras” (NR) (BRASIL, 2008, n.p).

Agora, com o acréscimo do ensino de história da Cultura Indígena, o professor, no cumprimento da lei nº 11.645/08, deve incluir em suas aulas conteúdos que resgatem as características culturais dos negros e índios, e suas contribuições nas áreas sociais, econômica e política do país, justificando que, esses povos, apesar de possuírem culturas distintas, tem em comum o reconhecimento histórico de contribuição para a formação da sociedade brasileira.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS

Neste capítulo buscou-se compreender a discussão sobre Identidade Cultural Afro-brasileira na Educação Física através do componente Manifestações Culturais, compreendendo a partir do discurso dos entrevistados qual a concepção de cultura e cultura afro-brasileira no processo de ensino/aprendizagem da disciplina, através da análise do questionário aplicado.

Segundo Minayo (2010) esta pesquisa é de cunho qualitativo por responder a questões muito particulares e se ocupar, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. De maneira que vem trabalhar com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

A entrevista foi realizada em formato de questionário para um número de sete pessoas. Com oito questões previamente estruturadas e a seguir aplicadas para quatro discentes que ainda estão terminando a graduação e três graduadas.

A entrevista se deu a partir do questionário que para Moreira e Calefe (2008) é uma das formas mais utilizadas para coleta de dados e é o tipo de instrumento que oferece muitas vantagens como: uso eficiente do tempo, anonimato para o sujeito entrevistado, perguntas padronizadas e a possibilidade de uma alta taxa de retorno.

As perguntas foram analisadas da seguinte forma: 1) identificação do (a) entrevistado e formação acadêmica (a), onde eu pude identificar algumas informações específicas a respeito do (a) entrevistado (a); 2) Sobre a formação acadêmica, visando saber de que forma deu a aproximação com os conhecimentos a respeito da cultura afro-brasileira; 3) Sobre o componente curricular “Manifestações Culturais”, buscando entender como se deu o processo de ensino aprendido durante a disciplina, na aquisição dos conhecimentos sobre cultura afro-brasileira e a importância de se trabalhar com esse tema na escola e 4) Sobre o tema cultura afro-brasileira, para entender de que forma os entrevistados compreendem a importância deste conhecimento.

1ª CATEGORIA: Identificação e formação acadêmica

Nessa primeira parte do questionário, o entrevistado mencionava algumas informações pessoais. Assim, foi identificado entre outros fatores os graduados e graduandos. Também foi questionado, de que forma se deu a aproximação desses sujeitos com os conhecimentos a respeito da cultura afro-brasileira. Neste sentido podemos perceber através dos discursos abaixo do que se trata.

Entrevistado VM: “Numa esfera científica, se deu a partir das seguintes disciplinas: Capoeira e Manifestações culturais. ”

Entrevistado RM: “Durante a graduação quando fui monitora de um projeto chamado “Oxente, vem dançar! ” No projeto dávamos aula de dança afro para meninas de um bairro de periferia de Jacobina. ”

Entrevistado GA: “Já tinha um interesse na cultura afro, em especial no que tange a dança, esse interesse e conhecimento foram criando formas, a partir da disciplina de dança I, no segundo semestre da graduação. Sem dúvidas, a paixão e curiosidade de aprofundar tais conhecimento, se deu nesse período.”

Entrevistado NR: “Através da disciplina Manifestações Culturais durante a graduação. ”

Entrevistado RA: “Inicialmente com disciplinas durante minha trajetória escolar nos ensinos Fundamental e Médio. Depois na graduação na disciplina Manifestações Culturais, bem como no cotidiano. ”

Entrevistado JM: “Desde criança, quando comecei a fazer capoeira. ”

Entrevistado RO: “O aprofundamento desse conhecimento se deu a partir da disciplina Manifestações Culturais. Entretanto, no Ensino Médio houveram momentos isolados que os olhares se voltavam para a questão da cultura afro brasileira principalmente em datas comemorativas.”

A partir das respostas obtidas, percebemos que a maioria dos sujeitos entrevistados tiveram contato com esse conteúdo já na graduação, e quando se dava no Ensino Fundamental era apenas em datas comemorativas, o que contradiz a lei nº 10.639/03 exposta no capítulo anterior.

Saviani (2001) afirma que a escola é uma força homogeneizadora que tem por função reforçar os laços sociais, promover a coesão e garantir a integração de todos os indivíduos do corpo social. Sua função coincide, no limite, com a superação do fenômeno da marginalidade.

2ª CATEGORIA: Sobre o componente curricular Manifestações Culturais

Como foi para você o processo de ensino aprendido durante a disciplina na aquisição dos conhecimentos sobre cultura afro-brasileira?

Entrevistado VM: Foi satisfatório. Tivemos acesso a várias referências e foram destacados os principais elementos que norteiam essa discussão. No período em que cursei a disciplina senti muita dificuldade por esta tratar de assuntos muito densos em tão pouco tempo. Infelizmente a carga horária da disciplina acaba sendo insuficiente para a demanda de assuntos, contudo, o professor da disciplina selecionou em seu cronograma assuntos e autores que nos deram um embasamento voltado para as problemáticas mais recorrentes em torno desse assunto.

Entrevistado RM: “Foi um processo dinâmico, no qual tivemos suporte através de materiais de leitura e discussão dos textos, onde levantávamos questionamentos durante a aula. ”

Entrevistado GA: “A disciplina me permitiu aprofundar os conhecimentos sobre a cultura afro-brasileira, já que já tinha o interesse de trabalhar esse conteúdo no meu TCC, essa disciplina me abriu um leque de possibilidades deste conteúdo em sala de aula. Muitas abordagens teóricas, questões de leis, entre outros assuntos foram bastante trabalhados, para disciplina tivemos que ir nas escolas, o que nos permitiu uma visão prática das dificuldades de se trabalhar esse tema, já que na maioria das escolas, sejam por professores ou pela direção, não tem a preocupação de inserir os conteúdos afro-brasileiros nas aulas, temos uma lei que assegura essa inserção, porém ela ainda é muito negligenciada pela escola. ”

Entrevistado NR: “O processo de ensino aprendido na disciplina foi tranquilo, me proporcionou conhecer um pouco sobre a cultura afro-brasileira, um conteúdo que é pouco explorado na escola, nos incentivando a buscar a valorização e o respeito por esse conteúdo. ”

Entrevistado RA: “Foi razoável, o professor disponibilizou vários conteúdos que tratavam sobre o conceito de cultura no geral e culturas específicas de diferentes povos e religiões. ”

Entrevistado JM: “Enriquecedor, a disciplina nos permitiu fazer uma análise crítica da realidade, a partir das leituras e das discussões em sala de aula. ”

Entrevistado RO: “Atendeu as minhas expectativas, a forma metodológica em que a disciplina foi planejada pelo professor conseguiu atender em parte as demandas da turma. Houveram discussões densas, principalmente em torno do negro e o indígena na sociedade, políticas públicas voltadas a esta público e a relação estabelecida com a Educação Física.”

De fato comprovamos a partir das respostas obtidas nessa questão, que a disciplina é um “pontapé” inicial para instigar esse futuro professor a buscar novas informações a respeito da Cultura afro-brasileira, ao mesmo tempo fica evidente a necessidade de uma carga horária maior ou mais disciplinas para complementar tais estudos, que foram considerados densos e ricos. O processo da disciplina foi satisfatório, dinâmico e conseguiu atender algumas demandas da turma.

Qual a importância de se trabalhar com os temas relacionados à cultura Afro-brasileira na escola, e o que de significa este aprendizado para o educando?

Entrevistado VM: “Considero de extrema relevância, por entender que estamos num país que tem a sua origem e composição marcadamente afro, assim precisamos enxergar essas características culturais enquanto elemento de identidade de um povo e que precisa, portanto, ser valorizada e a valorização decorre do conhecimento. ”

Entrevistado RM: “É indispensável o trabalho com esta temática na escola, principalmente pelo fato que nosso país e mais precisamente a Bahia está muito ligada a essa cultura. É importante que seja discutido e estudado desde as séries iniciais, pois, quanto mais cedo as crianças forem imponderadas vai ajudar no combate ao preconceito.”

Entrevistado GA: “O objetivo principal para se trabalhar esse conteúdo em sala de aula, é o reconhecimento étnico racial nos

alunos, o conhecimento e reconhecimento da importância da cultura afro para a formação da identidade brasileira. O que significa este aprendizado para o educando? Significa o autoconhecimento étnico racial.”

Entrevistado NR: “É importante trabalhar esse conteúdo na escola, pois é uma forma dos educandos se aproximarem e conhecerem um pouco acerca da cultura afro-brasileira. Esse aprendizado será de grande relevância tendo em vista que é um conteúdo pouco abordado ou não é abordado no ambiente escolar, seja por rejeição ao conteúdo ou falta de domínio.”

Entrevistado RA: “É de suma importância, pois vai trazer para os alunos não só o respeito pela cultura afro-brasileira mais também a compreensão do seu legado e ensinamentos.”

Entrevistado JM: “É indispensável, partindo do pressuposto de que vivemos num país miscigenado e com tanta riqueza cultural de matriz africana presente no dia a dia das pessoas. É de fundamental importância trazer esses elementos para sala de aula e problematizar os conteúdos, discutindo os vários tipos de opressões que o povo africano e afro descendente sofreu e sofre no Brasil. Os alunos e alunas precisam ter clareza da contribuição histórica e da luta do povo negro nesse país, afinal de contas o povo brasileiro “tem sangue crioulo e tem cabelo duro”.

Entrevistado RO: “Afirmção da cultura afro-brasileira dentro da sociedade. Acredito que o aprendizado advindo deste conhecimento, em muito se relaciona ao reconhecimento da sua história, sua identidade, de forma que, se posicione enquanto classe diante dos problemas sociais”.

Nas respostas obtidas, ficou claro que todos consideram importante trabalhar os conteúdos afro-brasileiros nas escolas. Os entrevistados concordam que falta esse reconhecimento histórico, e que tratar deste conhecimento, nas aulas, pode beneficiar no reconhecimento étnico racial dos alunos, assim como identitário.

Justificando sua resposta, você considera que a passagem pela disciplina Manifestações Culturais lhe deu embasamento suficiente para trabalhar com este conteúdo na escola?

Entrevistado VM: “Considero que tenha apontado um caminho. Feito uma aproximação dos alunos com o conteúdo. A partir da disciplina pudemos acessar alguns autores que discutem esse assunto e obter uma compreensão geral do que ele se refere. Contudo para trabalhar essa temática em sala será preciso revisitar a literatura e adaptar esse assunto a realidade do aluno, não dá simplesmente para transferir o conhecimento adquirido numa disciplina de graduação para um aluno de Ensino Médio, por exemplo. ”

Entrevistado RM: “Médio, pois a disciplina tem uma pequena carga horária e é necessário um maior aprofundamento e estudo sobre a história do nosso povo, bem como a busca por subsídios que auxiliem na transmissão do conhecimento. ”

Entrevistado GA: “Não diria que a disciplina me deu embasamento suficiente, mas ela me proporcionou um bom conhecimento que me instigaram a buscar mais conhecimentos. Então como qualquer outra disciplina, o ideal é quando ela deixa acesa no aluno, a vontade de querer saber mais, que te dê sede de procurar, de pesquisar, enfim, a disciplina me deu isso, a sede de mais conhecimento, e foi sem dúvida o melhor momento para ela acontecer, porque foi no período de pesquisas para o TCC, que já seguiria esse tema; então para mim foi de grande importância, me deu

embasamento teórico e me permitiu vivenciar a prática também. ”

Entrevistado NR: “Embasamento suficiente não, mas foi um passo inicial, que despertou um olhar mais crítico a cerca deste conteúdo e a importância da valorização da nossa cultura na sala de aula, e o respeito pela diversidade. ”

Entrevistado RA: “Suficiente, Não! Mais garantiu um bom embasamento teórico que podem ser utilizados e bem mais explorados.”

Entrevistado JM: “Considero que foi um pontapé inicial para pesquisas acerca do conteúdo, principalmente por ter sido ministrada a partir de leituras críticas e coerentes a realidade de uma sociedade neoliberal na qual estamos inseridos (as). ”

Entrevistado RO: “Suficiente não. Entretanto, nos deu caminhos possíveis para se trabalhar com este conhecimento dentro da Escola. A carga horária da disciplina não dá conta de discutir todo conhecimento produzido que versam sobre a cultura afro-brasileira.”

A partir das respostas obtidas, ficou evidente que apenas uma disciplina com a carga horária mínima não dá conta de tratar tudo o que a cultura afro-brasileira representa, assim é de suma importância uma formação mais ampla continuada, que dê a esse professor oportunidade de se aprofundar com o tema.

3ª CATEGORIA: Sobre o tema cultura afro-brasileira

De que forma você compreende a importância do conhecimento com os temas relacionados a cultura Afro-brasileira?

Entrevistado VM: “Como falei anteriormente, julgo ser importante tendo em vista que se trata da formação identitária de um povo e não podemos ser negligentes com a nossa própria cultura. Inclusive considero importante a inserção de temas relacionados a cultura afro-brasileira na escola básica desde a séries iniciais. Só assim evitaremos tamanho estranhamento com esse assunto, tal qual aconteceu comigo, já que a primeira vez que me deparei com esse assunto foi na minha graduação.”

Entrevistado RM: “É de suma importância o conhecimento sobre essa cultura, uma vez que vemos o preconceito presente em todos os lugares, relacionando sempre o que vem da cultura afro como sendo algo feio. Então, é preciso que desde cedo a temática seja debatida dentro do ambiente escolar.”

Entrevistado GA: “Hoje no Brasil temos a maior população negra fora da África, a importância maior é tornar acessível aos alunos esses conhecimentos, trabalhar conteúdo sobre a história e sobre a cultura afro-brasileira, só assim poderemos contribuir para o reconhecimento da cultura afro para a formação da identidade brasileira, e contribuir para o combate ao racismo. ”

Entrevistado NR: “É uma forma de nos aproximarmos dos elementos dessa cultura, conhecendo, valorizando e acima de tudo respeitando a diversidade cultural. ”

Entrevistado RA: “Considero importante, pelo fato de ser uma cultura “nossa” a qual se deve total respeito e admiração. E que não pode ficar apenas guardada em livros de história e sim proposta para toda uma comunidade seja ela negra ou não.”

Entrevistado JM: “Penso que deveria ser parte integrante da vida das pessoas, principalmente a valorização das manifestações culturais pelo poder público. As ações afirmativas, as políticas públicas devem estar atreladas ao processo de ensino da cultura afro-brasileira desde os anos iniciais, considerando os avanços e os retrocessos que sofremos na história desse país. O racismo, ainda é uma doença que precisa ser combatida.”

Entrevistado RO: “De conhecer a história, os conflitos estabelecidos, a origem do racismo, preconceito, teorias de sustentação das desigualdades, trazendo essa discussão para os temas da cultura corporal, a saber a capoeira, jogos e brincadeiras, esportes, para que diante desse conhecimento as pessoas possam se posicionar frente a uma sociedade injusta.

”

Podemos perceber a partir das respostas que indiscutivelmente a importância desse conteúdo nas aulas é muito grande, e colabora para romper pensamentos preconceituosos e até mesmo motivar debates que venham a causar na sociedade um pensamento crítico contra racismo.

Você já buscou realizar cursos cujo tema estava voltado para os conhecimentos da cultura afro-brasileira?

Entrevistado VM: “NÃO”

Entrevistado RM: “Ainda não, mais está em meus planos. ”

Entrevistado GA: “Não, infelizmente nunca tive a oportunidade de aprofundar os estudos, mais trabalho esse conteúdo nas minhas aulas sempre.”

Entrevistado NR: “Já participei de alguns eventos que discutia esse tema (congressos e simpósios).”

Entrevistado RA: “Ainda não, mais não descarto a possibilidade, pois sou uma admiradora do trabalho afro e de sua rica cultura.”

Entrevistado JM: “Já participei de alguns espaços políticos e de eventos relacionados à temática.”

Entrevistado RO: “Não.”

Podemos perceber que mesmo considerando a cultura-afro um conhecimento indispensável, os sujeitos da pesquisa não tiveram oportunidades ou muito contato com outros cursos que tratassem desse conteúdo. Apenas dois dos entrevistados estiveram em congressos ou eventos que traziam a temática.

Qual a sua compreensão de Cultura e Cultura afro brasileira?

Entrevistado VM: “O conceito de cultura ainda é uma discussão extremamente complexa e pode ser explicado a partir de várias concepções, porém quero aqui localizar a cultura numa concepção estrutural em que entende os fenômenos culturais como formas simbólicas em contextos estruturados. Essas formas simbólicas referem-se a uma ampla variedade de fenômenos significativos, desde ações, gestos e rituais até manifestações verbais e demais elementos da produção humana. Assim, quando inseridas em contextos sociais, além de serem expressões de um sujeito, essas formas

são geralmente produzidas por agentes situados dentro de um contexto sócio-histórico específico e dotado de recursos e capacidades de vários tipos. Elas podem ainda carregar os traços, de diferentes maneiras das condições sociais de sua produção. Não esquecendo também que essas formas simbólicas são frequentemente submetidas a complexos processos de valorização, avaliação e conflito. Em se tratando da cultura afro brasileira, é um tipo de cultura específica do povo brasileiro, que tem suas raízes fincadas na escravidão, humilhação, sofrimento, preconceito, mas também, e principalmente na resistência. Contudo, mesmo sendo estigmatizada ao longo dos anos esta é uma cultura que ainda preserva seus costumes, hábitos e crenças e que cada vez mais conquista seu espaço e sai da condição de subserviência e opressão social.”

Entrevistado RM: “A cultura afro brasileira, faz parte de quem somos, está conosco desde os nossos antepassados. A grande maioria da população baiana tem descendência negra, então todos somos parte dessa cultura.”

Entrevistado GA: “Cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade tanto material quanto imaterialmente, a cultura afro-brasileira é uma cultura de raiz africana, que foi ganhando forma e se misturando com outras culturas, como a indígena e a europeia. É uma cultura formada através da junção de povos e culturas distintos, que sofre batalhas diárias para se permanecer viva, ganhar espaço e reconhecimento. ”

Entrevistado NR: “Cultura são crenças, costumes, tradições hábitos de um povo. Cultura afro-brasileira são manifestações culturais e artísticas do povo brasileiro que acabou sofrendo influência africana. ”

Entrevistado RA: “Cultura é tudo que está contido no indivíduo desde o conhecimento, as crenças, a lei, os costumes e os hábitos que são compreendidos e adquiridos pelo ser humano não só no seio familiar, mas também na sociedade em que está inserido. A cultura afro-brasileira é um conjunto de manifestações culturais do Brasil que por conta do período de escravidão sofreram algum grau de influência da cultura africana.”

Entrevistado JM: “O conceito de cultura é bastante amplo, porém de maneira resumida entendo que são os costumes, os hábitos, as práticas sociais, o conjunto de ideias e comportamentos e o que vem sendo construído e se afirmado historicamente pela sociedade. Nesse sentido, a cultura afro-brasileira é o conjunto de elementos de matriz africana, desenvolvidos e disseminados no Brasil ao longo dos anos. Esses elementos estão presentes no cotidiano do povo brasileiro mesmo que de forma despercebida e apesar do racismo, a cultura afro brasileira resiste e insiste, desde a comida até às crenças e práticas populares, a música e até o vocabulário do povo que expressam claramente os elementos da cultura afro-brasileira.”

Entrevistado RO: “Compreendo a cultura como toda produção humana construída no curso da história, as crenças, o conhecimento, as artes, costumes, hábitos, dentre outros relacionados com contextos históricos específicos. Em relação a cultura afro-brasileira, esta se refere a toda produção humana relacionada a grupos específicos, a saber, danças, brincadeiras, jogos, esportes, tradições, etc.”

Cultura é uma palavra que traz consigo diversos significados e compreensões, podemos comprovar isso nas respostas acima. Diversos foram os conceitos trazidos pelos entrevistados, alguns, a partir dos debates e estudos que os sujeitos presenciaram na disciplina analisada, na vida acadêmica ou pessoal.

Jocimar Daolio traz conceitos de vários autores da área da Educação Física cada um com sua concepção de “cultura”; dentre eles o de Geertz, que nos diz “[...] a cultura é a própria condição de vida de todos os seres humanos. É produto das ações humanas, mas é também processo contínuo pelo qual as pessoas dão sentido às suas ações” (DAOLIO, 2004, p. 11).

Tratando de cultura afro-brasileira, entendemos que é o legado de povos africanos que aqui aportaram no período da escravidão, suas lutas, suas manifestações, sua história, quem foram e o que representaram. Por esses e outros motivos evidencia-se que esta cultura merece o reconhecimento histórico, social e de contribuição dos povos africanos na formação da sociedade brasileira.

CAPÍTULO IV

ENTREVISTA COM O PROFESSOR ITAMAR

Esse capítulo da pesquisa monográfica também se destina a entrevistar o professor Itamar Silva de Sousa, Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana. O professor também é docente da Universidade do Estado da Bahia, Campus IV de Jacobina e ministrou a disciplina Manifestações Culturais desde a implantação deste componente no currículo do curso em Educação Física. O professor fala sobre sua história acadêmica, a experiência em ministrar essa disciplina na formação de professores em Educação Física, bem como sua visão intelectual de formação de professores.

Começamos a entrevista, agradecendo a disponibilidade do professor em nos ajudar. Boa tarde, professor, agradeço a sua disponibilidade e atenção em conceder esta entrevista que será de grande importância a este trabalho e conseqüentemente para trabalhos futuros na área da educação e Educação Física.

Bom, eu que agradeço o convite de participar da entrevista, espero que possa contribuir com o seu trabalho, com sua pesquisa, desde já entendo que é uma pesquisa relevante que pode ajudar numa possível reestruturação do curso de Educação Física da UNEB Campus IV Jacobina.

QUESTÕES

1) Gostaria que o senhor falasse sobre sua formação acadêmica, visão política e filosófica de mundo e educação, os primeiros anos de trabalhos com a formação de professores, bem como a sua experiência profissional atual no curso de Educação Física da UNEB campus IV.

Em relação a minha formação acadêmica, eu sou graduado em Educação Física pela UESB, curso de Licenciatura em Educação Física, Campus de Jequié, tenho duas especializações, uma em Educação Física e atividade física para populações especiais e outra em Relações étnico-raciais, essa segunda especialização foi realizada na Universidade Estadual de Santa Cruz UESC.

Meu mestrado é em Educação na Universidade Estadual de Feira de Santana e estou fazendo doutorado agora em Educação na UFBA. No Mestrado eu pesquisei a formação de professores em Educação Física no PAFOR (Plano Nacional de Formação de professores), de forma mais específica o PAFOR da UNEB de Jacobina que tem o curso de Educação Física também ofertado pelo PAFOR. No doutorado minha ideia é desenvolver uma pesquisa sobre política educacional de formação de professores de Educação Física no estado da Bahia.

Em relação a minha visão de mundo, visão filosófica, eu penso em desenvolver o meu trabalho pedagógico com aproximações com o materialismo histórico-dialético, busco estabelecer aproximações com a tradição marxista do conhecimento e também busco estabelecer aproximações da Educação Física com aquilo que nós poderíamos chamar de movimento crítico da Educação Física ou teorias críticas da Educação Física, então, do ponto de vista da base filosófica eu busco aproximações com o materialismo histórico de Marx e Angel, Lenin, Gramsci.

Do ponto de vista da teoria pedagógica eu busco aproximações, fundamentações na pedagogia Histórico-Crítica de Dermeval Saviani e na psicologia histórico-cultural de Vigotski, na Educação Física. Tenho aproximações com a abordagem crítico-superadora, com contribuições dos estudos de Mário de Carvalho, a própria professora Celi Taffarel; faço parte do Movimento Nacional contra regulamentação da Educação Física, por entender que o CREF e o CONFEF não representam as demandas e as necessidades da Educação Física. Portanto, me coloco numa perspectiva de diálogo, mas também de crítica e de confronto em relação à sociedade que a gente vive, do ponto de vista de ser uma sociedade capitalista, excludente, preconceituosa, que também não corresponde à realidade do conjunto dos trabalhadores e trabalhadoras da sociedade brasileira.

1) Fale sobre a sua aproximação com os conhecimentos a respeito da cultura afro-brasileira. Há quanto tempo o senhor trabalha com este componente na licenciatura? E o que significou, e como se deu o processo de implantação deste componente nos cursos de formação de professores das Universidades brasileiras?

A minha aproximação com esse componente se deu na minha graduação em Educação Física, lá na UESB no Campus de Jequié como eu falei, no ano entre 1998 a 2000 (foi o período que eu concluí o meu curso de graduação). Nós tínhamos uma disciplina chamada Metodologia do Ensino da Capoeira, ministrada pela professora Isabelle Pires e nessa Disciplina de 75 horas, ela, através da disciplina, trouxe elementos para se pensar a Educação Física a partir dessa abordagem. A disciplina em questão me mostrou a possibilidade de ao mesmo tempo tratar da cultura corporal sem perder de vista esses elementos que tratam das questões étnicas e raciais da sociedade; essa foi a primeira aproximação relacionada a esse conhecimento.

Quando concluí o meu curso e fui trabalhar como professor da educação básica, eu sempre desenvolvia na escola, uma unidade temática que era Capoeira, às vezes eu colocava “Capoeira, racismo, luta sociais”. Eu sempre procurava, na escola, com turma de quinta a oitava série, levar essa discussão a partir da capoeira. Logo em seguida, na minha especialização em relações étnico raciais tive a oportunidade de aprofundar um pouco mais o conhecimento sobre essa temática, de estudar vários autores, aprofundar as temáticas em relação ao racismo, em relação a essa problemática na sociedade brasileira desde o período da abolição da escravatura. Quando eu fui aprovado no concurso em Educação Física da UNEB, o componente curricular Manifestações Culturais ainda não estava presente no currículo do curso. Quando eu fui nomeado para trabalhar no Campus de Jacobina, a primeira disciplina que eu ministrei foi justamente a disciplina Metodologia do ensino da Capoeira, então essa discussão que veio a aparecer depois na disciplina Manifestações Culturais, já existia na disciplina de Capoeira, com a diferença que a carga horária da disciplina era 60 horas.

Dessa forma, eu tinha que contemplar muito conteúdo numa disciplina com carga horária pequena, mas, de uma certa forma eu já buscava dá conta dessa temática na disciplina de Capoeira, com a obrigatoriedade de implantar disciplinas relacionadas especificamente a cultura afro-brasileira, afro-indígena-brasileira.

Os currículos dos cursos de licenciatura de todas as universidades tiveram que fazer essa adequação no currículo, e não foi diferente no caso da UNEB de Jacobina, essa disciplina, primeiro apareceu no curso como uma demanda de que a UNEB fizesse essa adequação nos cursos de licenciatura, essa demanda chegou no colegiado do curso de Educação Física e foi montada uma comissão; essa comissão

analisou os documentos, analisou os pareceres do Conselho Nacional de Educação, analisou as Diretrizes Curriculares Nacionais para educação de relações étnico raciais para o ensino de história e cultural afro brasileira e africana e emitiu um parecer favorável à implantação dessa disciplina (o interessante é que antes da disciplina ser aprovada por essa comissão ela já tinha uma ementa, aí seria importante saber como essa ementa foi construída). No parecer a comissão ressalta a importância dessa disciplina fazer parte do currículo de formação de professores em Educação Física, tanto do ponto de vista pedagógico, técnico, político, ético e moral, também levando em consideração as publicações na área da Educação Física sobre essa temática.

A Educação Física, também vem acompanhando esse movimento de questionamento, de contestação em relação a esta temática, eu poderia citar aqui alguns estudos, como por exemplo, o livro de José Falcão, que publica muita coisa na área da capoeira, “Práticas corporais em comunidade quilombolas”, de Jocimar Daolio. Os significados do corpo na Cultura e as implicações para Educação Física, o próprio Vitor Castro com temáticas sobre a capoeira angola, a própria questão do futebol que tem na sua história uma relação muito forte com essa temática, desde a chegada desse esporte aqui no início do século XX com a questão do racismo, portanto é um tema muito fértil e rico para ser tematizado na Educação Física e dentro da formação de professores.

Uma questão quando você pergunta como se deu a implantação desse componente nas universidades brasileiras, primeiramente é importante registrar que a implantação desse componente, dessas diretrizes curriculares para discutir as questões afro-indígenas-brasileiras, ela surge, primeiramente por conta de um movimento de pressão social, de seguimentos, de grupos de setores da sociedade brasileira, tanto do movimento negro quanto do movimento indígena que ao longo de sua história não se sentiam representados, não se sentiam contemplados nos currículos de formação das Universidades públicas e particulares do Brasil e durante muito tempo que esses movimentos vem cobrando do estado uma abertura de espaço pra poder pautar suas demandas, as suas necessidades. Isso só veio a acontecer, e esses movimentos entendem que foi um avanço (pelo menos uma boa parte desses movimentos entendem que foi um avanço) a partir da chegada do governo Lula, a partir da eleição presidencial em que Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito presidente. Ele foi eleito em 2002, assumiu em 2003 e começou a implementar

uma série de programas, uma série de políticas que pudessem atender a essas demandas reivindicatórias, e uma dessas formas de tentar atender essas demandas foi a criação da Lei nº 10.839/2003 e posteriormente a Lei nº 11.645/2008, as duas falam da necessidade de construção da identidade da cultura afro-brasileira e indígena no Brasil, e são leis com caráter de obrigatoriedade, e o que isso trouxe de discussão na época? Primeiro que a lei no primeiro momento ela não veio acompanhada com programas de formação, então você tinha uma lei que obrigava as instituições de ensino a dar conta desse conteúdo, mas, não pensava formas, meios, condições, possibilidades, de que o professor pudesse adquirir conhecimentos, adquirir formação pra poder desenvolver de forma adequada esse conteúdo nos espaços escolares, então essa era uma contradição, você tinha uma lei que obrigava, mas por outro lado você não tinha as condições para o efetivo exercício dessa lei, e muitos professores ao mesmo tempo reconheciam que foi um avanço ter a lei, mas sentindo dificuldade na sua formação de como abordar, de como tematizar esses conteúdos, de como tratar da questão étnico racial da sua escola, na sala de aula.

A partir disso, esses movimentos, movimento de educadores, de professores da educação básica, movimentos sociais, começaram a reivindicar, principalmente das instituições públicas que elas viessem a ofertar cursos de formação, e vários cursos foram implementados nas universidades, nos institutos, muitas escolas também começaram a ofertar cursos de formação, a fim de compreender o que vinha a ser realmente a identidade étnico cultural, o que venha ser a temática africana na sala de aula, como trabalhar com as questões indígenas, e muitas universidades abriram cursos de especialização pra poder tratar desse tema, a implantação também desse programa, dessas diretrizes ela vem acompanhada também da política de ações afirmativa. Dentre as políticas das ações afirmativas as cotas raciais e tudo isso vem acontecendo não de forma harmoniosa, não de forma consensual, são temas polêmicos dentro da Universidade, tanto entre professores e pesquisadores, como também entre estudantes porque tem seguimentos que apresentam posições políticas que não entendem, não reconhecem essa demanda reivindicativa por parte de setores dos movimentos sociais afro indígenas, movimentos negros em geral, então tudo isso tem sido acompanhado de muita polêmica.

As cotas raciais nas universidades, a obrigatoriedade da implantação dessa lei nos currículos da educação básica, a implantação dessas disciplinas nos cursos das

universidades. Vez ou outra ou quase sempre essa discussão é permeada por muito embates pedagógicos, políticos, filosóficos; infelizmente algumas unidades de ensino extrapolam para as questões que vão para além da questão acadêmica, questão política, esse é um processo, essa discussão ainda está em aberto, está em movimento, tem muita pauta ainda para ser conquistada, esse não é um movimento linear, que a gente pode dizer que só teve avanços, tem avanços e tem recuos, tem muita contestação. Nem todos os seguimentos do movimento negro são favoráveis as cotas raciais, tem movimentos que são favoráveis, tem movimentos que não são, tem movimentos que são favoráveis, mas tem algumas ressalvas, estabelecem algumas observações em relação a isso. Essa disciplina Manifestações Culturais ela surge mais ou menos nesse contexto.

No curso de Educação Física eu ministrei essa disciplina Manifestações Culturais em duas ocasiões, 2014.2 e 2015.2, basicamente dois semestres, um ano. E em relação a essa temática eu já trabalhava no curso na disciplina de Capoeira.

2) Como essa disciplina chega ao curso de Educação Física, em que ano, em que contexto histórico do curso?

O ano foi 2013, a disciplina foi pautada em reunião, foi montada comissão para poder discuti-la. Ela chega por conta dessa pressão jurídica, dessa obrigatoriedade dos currículos de formação ter que acatar essa exigência legal e terem que fazer essa adequação ao currículo dos cursos de licenciatura. Dentre os currículos de licenciatura da UNEB, o curso de Educação Física. A comissão fez uma avaliação dos documentos dos pareceres do conselho Nacional de Educação e das diretrizes, das leis e esse parecer foi favorável, tendo em vista que a mesma, avaliou que dentro do quadro docente tinha um professor com especialização nessa área e que poderia, portanto, contribuir com o curso no que diz respeito a essa temática na disciplina Manifestações Culturais.

3) Tendo em vista sua visão de pesquisador na formação de professores, e com base em sua própria história acadêmica, de que forma o senhor ver os conhecimentos da Cultura Afro Brasileira na formação do futuro professor em Educação Física?

Bom, a gente tem que primeiro entender que o currículo de Educação Física da UNEB Campus IV, a ementa da disciplina Manifestações fala de tratar do estudo da cultura indígena e afro-brasileira, então, tratar de duas culturas extremamente amplas e complexas num único componente de 60 horas é extremamente complicado, extremamente difícil.

No meu entendimento tinha que ter pelo menos duas disciplinas, uma para trabalhar as questões afro e outra disciplina para tratar das questões indígenas, ou que tivesse uma segunda disciplina para poder dar um aprofundamento e tratar de forma mais específica cada um desses temas, cada uma dessas culturas.

É muito difícil contemplar toda essa discussão de duas culturas extremamente complexas, amplas, profundas em apenas um componente com a carga horária tão pequena como essa, então já de partida identifico que há um paradoxo, ao mesmo tempo em que se tem um avanço, por ter uma disciplina que vai pensar e vai discutir, vai levar esse futuro professor a também pensar essa realidade social, a refletir sobre ela, a luz dos conhecimentos socioantropológicos e filosóficos, a partir do que a Educação Física vem produzindo nessa área; vemos por outro lado que é um avanço ainda insuficiente, do ponto de vista da formação do que essa demanda exige na formação de um professor.

Esse conjunto de conhecimentos é importante, primeiro porque a Educação Física, já há algum tempo, em sua perspectiva teórica enquanto área do conhecimento conseguiu dar saltos qualitativos na área de formação em Educação Física, ou seja, a Educação Física não está restrita apenas exclusivamente, como já foi em outras épocas, ao aparato biomédico anatomobiológico. Claro que essa dimensão biológica existe, está presente, mas não é o único viés, não é o único parâmetro, não é mais o único suporte, o gesto motor, o padrão de movimento, a uniformização do gesto estético do movimento, então a Educação Física ela conseguiu dar esse salto e nesse avanço nessa área ela incorpora, tem possibilidades teóricas de pensar o movimento corporal a partir de outros elementos que não só o biométrico, então ela vai buscar suporte na antropologia, nas ciências sociais, nas ciências políticas, na filosofia, na história, pra a partir daí fundamentar um conhecimento que possa tratar dessas questões, do corpo negro, do corpo indígena, dos jogos, da cultura popular indígenas, dos jogos da cultura popular africana, que possa tratar de temáticas tão caras e tão difíceis de lidar na sociedade brasileira que é a questão do preconceito racial.

A Educação Física tem algo a contribuir também nessa discussão, então eu poderia ressaltar alguns elementos importantes, por exemplo, que eu sempre procurei abordar nessa disciplina quando eu a ministrei, primeiramente é muito importante que o professor de Educação física em formação, tenha uma discussão ampliada sobre CULTURA, sobre a dimensão antropológica da cultura. Para essa discussão, entre vários autores, eu tenho trabalhado muito com um autor chamado John Thompson, ele discute a ideia de “cultura” a partir de Pierre Bourdieu, onde ele diz que a Cultura não é simplesmente uma coisa herdada por uma tradição e que deve ser repetida de forma irrefletida pelas pessoas, pelos sujeitos sociais, a cultura ela é um campo de contestação onde existe um processo de valorização simbólica em torno dela, em torno das ações culturais na sociedade. Também uma discussão que se faz importante na questão da formação do professor é sobre a categoria “trabalho”, o trabalho enquanto uma categoria antológica de formação do próprio ser social, ou seja, o trabalho enquanto uma categoria social que no possibilitou avançar enquanto ser humano, avançar de uma dimensão meramente biológica para uma dimensão social, cultural, sem perder de vista o biológico.

Então essa discussão da cultura é importante para o professor que vai lidar constantemente com isso na sala de aula, no campo da educação e que, portanto, precisa desmistificar alguns entendimentos de que existe uma cultura superior, uma cultura inferior, uma cultura eurocêntrica que se impõe sobre as demais culturas, subordinando essas demais culturas.

Então eu ressaltaria esse conhecimento como um elemento importante. Um outro elemento importante na formação do professor em relação a essa temática diz respeito a própria visão que se tem sobre a África, sobre os conhecimentos africanos, sobre a relação do Brasil com a África. E a religiosidade permeia essa discussão, porque o objeto de ações preconceituosas se dá de forma muito concreta, então são terreiros de Candomblé que são perseguidos, que foram perseguidos e ainda hoje são vítimas, são objetos de preconceito de discriminação. As práticas culturais afro-indígenas, via de regra, não são muito bem aceitas por vários setores e seguimentos da sociedade brasileira, principalmente os espaços mais elitizados que a veem como uma cultura inferior, com um aporte cultural subalterno inferior, por tanto é importante fazer a discussão da religiosidade, sobre qual foi a importância e o papel dessa cultura na formação social brasileira, a contribuição indígena, a contribuição africana, os confrontos que se deram entre

brancos, negros e índios na formação da sociedade brasileira, e todo o processo de colonização e mercantilização e exploração da força de trabalho, tanto da população negra quanto indígena.

De uma forma mais particular com a Educação Física, é pegar toda essa discussão, que a gente poderia dizer assim, uma discussão mais teórica de fundo antropológica, mas que apresenta uma repercussão na prática social, tanto do estudante que está lá na universidade em formação quanto do estudante que está lá na educação básica, relacionar tudo isso com o que seria a especificidade da Educação Física.

O que a gente poderia dizer sobre essa discussão com a cultura corporal é que quando estou trabalhando com a ideia de cultura corporal eu já estou dizendo que não é a perspectiva da aptidão física que é outro viés que é outra referência teórica, eu estou dizendo que a cultura corporal enquanto linguagem, a cultura corporal enquanto a possibilidade de pensar esses temas a partir da especificidade dessa população.

Por exemplo, vamos pegar aqui a Educação Física, a Educação Física tem como principal conteúdo o esporte, o esporte ele é de origem europeia, então é o principal conteúdo hegemônico da Educação Física, e como a gente tematizar, por exemplo, as práticas corporais próprias da população indígena da população africana, aí eu tenho como elemento, primeiro os jogos tradicionais dessas culturas, buscar fazer um resgate ou uma retomada de jogos que foram vivenciados no Brasil desde o período da colonização, jogos da cultura popular que ainda são vivenciados em alguns lugares, por exemplo, em algumas comunidades, tanto de origem indígena, africana como também europeia, procurar tomar parte se apropriar das práticas corporais realizadas pelos povos indígenas, desde as lutas até os jogos e rituais e manifestações e danças e também o que as comunidades quilombolas tem enquanto práticas corporais sobre referente a sua própria cultura específica, a Capoeira ela entra aí, ela continua fazendo parte, toda sua simbolização, a roda, o significado da roda, do círculo, dos instrumentos, do canto, a música, o samba de roda, as palmas, o que é que significa a luta pela terra também nesse contexto mais específico, então esse conjunto de elementos, de discutir racismo, de discutir racismo científico de desconstruir a visão europeia, eurocêntrica, construídas sobre esses outros povos, todo esse conjunto de conhecimento ele permeia e são portanto importante na formação desse professor de Educação Física, não é pensar no

professor de Educação Física só enquanto aquele que vai aplicar atividades, que vai aplicar jogos, então eu sempre tive essa preocupação em não trazer simplesmente um monte de joguinhos indígenas para os alunos repetirem na sala de aula e ficar reproduzindo de forma as vezes mecânica e descontextualizadas, mas em se apropriar desses jogos, se apropriar dessas práticas corporais entendendo que elas estão dentro de um contexto social mais amplo, é o conflito de terra, é o conflito político, é a relação de poder, são pessoas expulsas, assassinadas, mortas, torturadas, tendo seus direitos negados historicamente na sociedade brasileira, então eu penso esse conhecimento na formação do professor de Educação Física a partir desses eixos, desses elementos de orientação.

4) Os conhecimentos sobre manifestações culturais são bem amplos e de uma complexidade, que envolve muitas pesquisas no campo da história e da sociedade mundial e brasileira. Assim eu lhe pergunto o que significou para o senhor trabalhar com este componente curricular, qual o caminho pedagógico na escolha dos conhecimentos a serem trabalhados em sala de aula, quais os principais intelectuais que o senhor destacaria como significativos a este estudo e como se deu o processo de ensino aprendizagem com um conhecimento novo na área da Educação Física?

Significou para mim uma oportunidade importante de formação, e ao mesmo tempo um aprendizado de como essa discussão reverbera lá no contexto de Jacobina, região da Chapada Diamantina. Eu estruturei pedagogicamente a disciplina a partir daqueles referenciais que eu havia anunciado, Pedagogia Histórico Crítica, Psicologia Histórico Cultural e aproximações na Educação Física com o que convencionou se chamar de abordagem, ou concepção Crítico-superadora (apesar de ter críticas as próprias limitações dessa abordagem).

A partir desse suporte teórico eu trabalhei a disciplina em três eixos temáticos, o primeiro, Trabalho e Cultural na Formação Humana, nesse eixo a preocupação principal era discutir justamente o conceito de Cultura do ponto de vista antropológico, retomar o trabalho enquanto uma categoria central para entender a formação do ser humano, a passagem do ser humano de um estágio meramente biológico. Se a gente for pensar os povos mais remotos, até atingirmos o desenvolvimento enquanto um ser social (que embora o biológico esteja presente,

ele não é o único exclusivamente determinado pelo biológico), uma discussão sobre o que vem a ser os povos indígenas, enquanto povos originários desse território que passou a se chamar Brasil e nessa discussão já os conflitos indígenas.

No segundo eixo, Educação em Relações Étnico Raciais no Brasil, eu já começava a aproximar de uma forma mais específica para o tema da Educação e das Relações Étnico-Raciais no Brasil, ou seja, qual a implicação dessa discussão na Educação Brasileira, também discutimos a percepção da África, qual é a compreensão que os estudantes da Universidade tinham sobre a África, qual era a compreensão que o aparelho midiático representava, e o que a literatura realmente dizia e aportava sobre a África.

Uma discussão sobre a questão da cor e da raça no Brasil que eu considero muito importante é sobre o racismo científico, ou seja, teorias raciais do século XXI que se diziam científica, embora não a fossem, mas utilizavam do argumento científico para poder inferiorizar outros povos em detrimento da hipervalorização da cultura europeia branca. Portanto, esses eram os desafios de discutir essa questão na Educação Brasileira, tanto a questão indígena quanto à questão afro. E um terceiro eixo de discussão, tinha como objetivo tratar dessas especificidades da Educação Física; então os alunos tiveram que visitar alguns espaços.

Em Jacobina, por exemplo, lembro que teve turmas que visitou associações culturais de bairros, fizeram um diagnóstico sobre as práticas corporais realizadas por essas comunidades, visitaram Quilomberê, tentando identificar o que era essa associação, esse movimento, as práticas que eles realizavam, e como eles buscavam resgatar essa dimensão. Alguns alunos foram no Terreiro de Candomblé, a ideia também era fazer uma interlocução com a comunidade em torno da UNEB de Jacobina, para ouvir o que essas comunidades tinham a dizer sobre sua realidade. Tivemos algumas limitações, como por exemplo, nós não conseguimos visitar nenhum dos povos indígenas, pois não tinha dentro da comunidade de Jacobina, e por isso pensamos nas cidades vizinhas, mas por conta da logística e da infraestrutura, não foi possível. Trabalhamos com seminários, com vídeos, com documentários, com muito debate, com muita discussão, e também alguns grupos construíram material pedagógico, alguns grupos fizeram uma conexão com o estágio supervisionado levando a discussão da disciplina para a escola, outros grupos realizaram oficinas tratando dessa temática.

Dentre os intelectuais que eu poderia destacar nessa discussão, temos Kabengele Munanga, ele é uma referência muito importante, o próprio Florestan Fernandes, Octavio Ianni, John Tompson, Livio Sansone, também com a discussão “as diferentes compreensões sobre cor e a raça no Brasil”. Na Educação Física a gente poderia pontuar Falcão como um estudioso importante, Tizuko Morchida Kishimoto, onde traz diferentes referências culturais para tratar do Jogo. Sobre a discussão da África a gente tem Carlos Serrano, Maurício Waldman, temos uma estudiosa muito interessante que é a Lilia Moritz Schwarcz, que traz uma discussão sobre o racismo científico e sobre cor e sociabilidade no Brasil, então a princípio eu destacaria esses, para começar estabelecendo um diálogo.

5) Como o senhor avalia atualmente a formação de professores nos cursos de Educação Física das universidades públicas baianas incluindo a UNEB campus IV em Jacobina?

Como eu já havia dito, a formação em Educação Física é marcada por avanços e recuos, nunca a gente vai ter só recuos, só retrocessos e também a gente não vai ter só avanço, só conquistas e desenvolvimentos, essas coisas elas acontecem de forma muito simultânea, eclética, misturada, num processo de embate.

De uma forma bem geral eu poderia dizer que houve um avanço na formação, houve um avanço na área, principalmente a partir da década de 80 (80, 90), mas eu poderia dizer também que percebo uns certos sinais de limitação nessa formação, primeiro porque temos percebido que nas universidades públicas brasileiras (e nas particulares também), existe um movimento de tendência de esvaziamento de conteúdo teórico na formação dos profissionais em geral e dos professores também, uma ideologia de limitar o máximo possível o conteúdo filosófico e a discussão política, se atendo pura e simplesmente a um conhecimento mais reduzido, imediato, instrumental, mais pragmático, então isso não é uma coisa positiva do ponto de vista de uma formação mais ampla, de uma formação mais consistente, que não tem que preparar única e exclusivamente para o mercado de trabalho.

Acho que esse é um dilema da Universidade, principalmente a Universidade pública, entre formar para uma autonomia, formar para a formação de um sujeito crítico e/ou formar para o mercado, para atender as demandas do mercado. Então, a universidade pública por exemplo quando se coloca para atender única e

exclusivamente as demandas do mercado consequentemente vai empobrecer o currículo e o processo formativo dos seus estudantes. É preciso repensar de uma forma muito séria essa questão e isso vai ter um rebatimento na formação do professor de Educação Física, porque ele não está fora do mundo, não está fora da sociedade, não está fora dessas questões polêmicas da sociedade da universidade pública brasileira.

Nós temos um debate na ordem de relação ao bacharelado e a licenciatura em Educação Física, eu reivindico uma formação ampliada na Educação Física, mas uma formação ampliada que possa, ao mesmo tempo, garantir uma formação clássica, ou seja, de conteúdos clássicos, de conteúdos fundamentais na formação de um bom professor e ao mesmo tempo um currículo que possa dar conta das especificidades da Educação Física, tanto as práticas de atividade física, os jogos, as danças, as lutas, enfim, todo o conjunto, toda a gama de aportes que compõe a Educação Física. De uma forma geral, eu vejo que a Educação Física teve seus avanços em relação a outros períodos da sua história, mas também existe movimentos de recuos, movimentos de retrocesso na formação, e o Campus da UNEB em Jacobina não é diferente e é marcado por avanços e também por limitações.

O currículo do Campus de Jacobina precisa passar por uma reforma, uma revisão, uma reformulação, mas para que isso aconteça é importante e necessário que o conjunto de professores tenha maturidade acadêmica para poder fazer o debate e a discussão sobre o acúmulo de conhecimento que a Educação Física tem produzido ao longo desse tempo, é um curso que precisa “tomar pé” do estágio de desenvolvimento da produção do conhecimento na Educação Física ao longo de todo esse período, precisa fazer uma avaliação do que é que o curso de Educação Física de Jacobina está produzindo em relação ao conhecimento científico da área da Educação Física, precisa fazer um debate com o estudante, com a comunidade, com o movimento estudantil regional e também nacional para entender quais as lacunas, quais as limitações do atual currículo e pra qual direção, visto que é um novo currículo de formação que vai passar a assumir no curso.

Assim, não é uma discussão rápida, não é uma discussão aligeirada, não deve ser uma discussão atropelada, os professores devem ter maturidade acadêmica, pedagógica e científica para poder fazer essa discussão, na perspectiva de superar as lacunas, na perspectiva de superar as limitações, porque o currículo não é de um

professor ou de um grupo específico do Curso de formação, o curso ele pertence a comunidade acadêmica e pertence a comunidade em geral. Essa comunidade tem que se perguntar, que tipo de profissionais ela quer formar e a UNEB ela tem que se posicionar se ela quer formar única e exclusivamente para o mercado ou ela tem a preocupação de pensar uma formação mais ampla, já que ela é uma Universidade pública, e tem um papel social.

Necessita pensar uma formação mais ampla do que simplesmente atender o mercado, porque o mercado ele é volátil, o mercado é arbitrário. O que hoje o mercado diz e exige como um perfil profissional, daqui há alguns anos pode simplesmente descartar esse modelo de profissional e querer um outro tipo de profissional e aí a universidade ela tem que ficar refém do mercado? O tempo inteiro dançando no “fio da navalha” pra tentar atender as demandas do mercado? Eu penso que não, eu penso que o papel da Universidade Pública Brasileira é um papel muito mais amplo do que isso e a universidade ela precisa fazer essa discussão, precisa fazer esse debate e o curso de Educação Física de Jacobina precisa fazer essa discussão.

Do ponto de vista de como eu vejo a formação do professor de Educação Física lá em Jacobina, vejo por um lado de uma forma positiva porque tem bons professores e tem estudantes comprometidos com sua formação, a história tem mostrado isso, mas ao mesmo tempo eu vejo que tem limitações no currículo que precisa ser observada atentamente e que nesse momento agora que muitos professores estão afastados por conta da pós-graduação a nível de Mestrado e Doutorado, eu penso que é o momento de aguardar esses professores retornarem para o departamento para a partir daí sim poder fazer uma discussão madura e tranquila sobre para onde o curso vai e como ele vai poder avançar.

6) Qual mensagem o senhor gostaria de deixar aos alunos futuros e professores de Educação Física?

A mensagem principal é estudar, se comprometer, se organizar, levar o curso a sério e procurar contribuir em todas as estâncias possíveis, acadêmica, pedagógica, científica, participar dos programas de pesquisa (PIBIC), participar dos programas de

docência como o PIBID, participar das monitorias de ensino, participar das reuniões e estudar que é o caminho mais adequado, mais seguro para uma formação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa apresentada compreendemos de que forma o componente curricular Manifestações Culturais contribui com os conhecimentos referentes à Cultura Afro-brasileira e reconhecemos que esta disciplina é fundamental para os cursos de graduação. A formação de professores é um assunto a qual devemos ter propriedade e interesse para promover debates que proporcionem melhorias e avanços no sistema de ensino.

Colocando-me na condição de pesquisadora, através do meu trabalho pude constatar e trazer como resultados da pesquisa vários pontos positivos na inserção do componente analisado, considerando este, um avanço para os professores de Educação Física em formação. Levando em conta que historicamente a formação desses professores era prioritariamente pautada em conteúdos chamados por alguns autores de “eurocêtricos” de esportes como futebol, lutas, natação – não dizendo que estes conhecimentos sejam desnecessários – mas, confirmando a necessidade de uma reestruturação para uma formação dinâmica com mais conteúdos relacionados à cultura originada em nosso país.

Através dos dados analisados encontramos também algumas contestações por parte dos sujeitos entrevistados que diz respeito ao reconhecimento da necessidade de mais disciplinas que trabalhem conteúdos referentes à cultura afro-brasileira. Partindo da necessidade de nós, futuros docentes, conhecermos intrinsecamente o conteúdo, percebe-se que faltam subsídios e mobilização do Estado na criação de mais cursos de formação e especialização para complementar nossos conhecimentos com essa temática que é rica e densa.

Outra objeção retratada pelo docente e pelos discentes analisados é referente à carga horária da disciplina que indiscutivelmente é considerada pequena para a quantidade de conteúdo que engloba essa cultura.

Analisar uma disciplina do curso a qual faço parte me fez perceber o quanto é importante entender o currículo de formação de professor, e entender que só teremos avanços nessa temática. Foi-me proporcionado conhecer as lutas de movimentos negros e entender sua importância, fazendo-me compreender que a luta desses movimentos nos garantiu por lei a inserção dos conteúdos afro-brasileiros no curso de graduação.

Esta disciplina que chegou aos cursos de graduação em 2013, trouxe consigo discussões indispensáveis para a formação do sujeito e, por sua vez, reconhecimento histórico de contribuição do negro.

Nota-se com clareza a complexidade existente na temática “Identidade Cultural”, e a pluralidade de conteúdos que podemos trabalhar nas aulas de Educação Física. Desta forma, o presente trabalho baseou-se no conceito de identidade pós-moderna de Hall, reconhecendo identidade quanto “celebração móvel” podendo ser formada a partir dos conhecimentos adquiridos e das representações encontradas no meio cultural.

Sobre as artes afro-brasileiras, entendemos que elas fazem parte de uma gama de conhecimentos, seus estudos se aportam ao período da escravidão, onde a cultura africana, indígena e brasileira se moldou num misto de interpretações e se tornaram o que vemos hoje. Por isso, é imprescindível trabalharmos a cultura afro-brasileira não apenas na data comemorativa, pois a mesma está intrincada em nossas raízes.

O estudo de História e Cultura afro na escola é coberto pela Lei nº 10.639 sancionada em 2003 e garantido pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Por meio das pesquisas, pude notar que, antes da Lei citada começar a vigorar, o referido tema era pouco abordado nas aulas, e muitas vezes tratados sem o devido reconhecimento, muitas vezes desfigurando a maneira de como ocorreu a construção histórica e cultural do Brasil. Dessa forma, os PCN's voltados ao tema transversal da pluralidade cultural devem ser considerados e levados para a sala de aula, fazendo com que o docente seja responsável por dar visibilidade aos grupos étnicos sociais excluídos historicamente da sociedade.

Ao analisar os documentos cedidos explicitou-se o fato de que no componente curricular Manifestações Culturais, a cultura Afro-Indígena é um conteúdo de caráter obrigatório, sendo fundamental que o docente aborde questões que envolvam os estudos da história e cultura de ambos os povos, e também estereótipos, preconceitos e racismo que essas classes sofreram e sofrem até hoje.

Essa pesquisa nos proporcionou uma aproximação com conhecimentos a respeito de algumas manifestações que fazem parte da cultura afro. Dentre elas, a prática da capoeira, por exemplo, que um dia foi criminalizada e hoje tem um espaço amplo na grade curricular. Porém, mesmo a capoeira sendo parte dos conteúdos de

Educação Física, vale ressaltar que na prática escolar, ela não é trabalhada regularmente.

Faz-se indispensável por parte da sociedade uma reflexão em relação à questão específica do negro como produtor da cultura afro-brasileira. Para isso, cabe ao docente pesquisar e se aprofundar no tema “Cultura Afro-Brasileira”, para fazer com que os alunos entendam e desconstruam o pensamento racista e preconceituoso presente na sociedade.

É notório que toda intervenção curricular tem como finalidade preparar os alunos para serem cidadão ativos, críticos e democráticos. Dessa forma, nós, futuros professores, devemos em nossas aulas, incluir esses conteúdos nas unidades de ensino, apresentando os diversos significados que existem na cultura afro, para que estes alunos compreendam e reconheçam que não são apenas práticas isoladas e sim uma manifestação cultural histórica de um povo.

Concluimos então que indiscutivelmente há uma necessidade de se trabalhar com os conteúdos sobre identidade e cultura afro-brasileira. Através dos resultados da pesquisa ficou evidente a importância dessa disciplina na graduação para nortear os futuros professores de Educação Física em sua prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO NETO, L. D. de. **A Lei nº 10.639**: como a inclusão de conhecimento de raiz africana pode se dar acerca do ensino de matemática. 2009.

BATALHA, L.N.; SILVA, F.M. da. **Influência cultural africana: danças, jogos e brincadeiras na educação básica em parintins/am**. Campina Grande, Vol. 1 Ed. 4, ISSN 2316-1086, Realize editora, 2015.

BHABHA, H. (Org.). **Narrating the Nation**. Londres: Routledge, 1990.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana de 2004**. 2004a. Disponível em: <<http://www.uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17447&Itemid=817>. Acesso em: 14 abr. 2017.

BRASIL. **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA**. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia/Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRAVO, R. S. **Técnicas de investigação social: Teoria e ejercicios**. 7 ed. Ver. Madrid: Paraninfo, 1991.

CALADO, S. dos S; FERREIRA, S.C dos R. **Análise de documentos: método de recolha e análise de dados**. 2005.

CORRÊA, I.L. de S. **Cultura corporal afro-brasileira na escola: resistência e perspectiva de estudantes do ensino médio do colégio de aplicação da UFRGS**. Anais do VI Congresso Sul Brasileiro de Ciências do Esporte Rio Grande; 2012.

COSTA, R.L.S. da; DUTRA, D.F. **A lei 10639/2003 e o ensino de Geografia: representação dos negros e África nos livros didáticos**. 10º ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA. Porto Alegre, 2009.

CUNHA JR., H. **A História Africana e os Elementos Básicos para o seu Ensino**. In: LIMA, Ivan Costa; ROMÃO, Jeruse Maria (Coord.). Negros e Currículo. Florianópolis: Atilende (Núcleo de Estudos Negros), 2002.

CUNHA JUNIOR, H. **Textos para o movimento negro**. 1. ed. São Paulo: EDICON 1992.

CUNHA, M.C. da. **Arte afro-brasileira**. In: ZANINI, W. História da arte no Brasil. São Paulo: Salvador, 1989.

DAOLIO. J. **Educação Física e o conceito de Cultura**. Autores Associados. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DINIZ, D. M. **E o que é o professor, na ordem das coisas?** Docência de primeiras letras no Ceará imperial. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

FERNANDES F. **A integração do negro na sociedade de classes.** v.1, 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes:** (O legado da “raça branca”), volume 1. 5ª. ed.- São Paulo: Editora Globo, 2008.

FIN, K. **As influências africanas na música e nas musicalidades brasileiras como objeto de estudo nas aulas de história,** 2015.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo.** Brasília. Plano editora, 2003.

FREYRE, G. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 48ª Ed. São Paulo: Global, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, A C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, R. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa.** In: DESLANDES, S. F; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2007. P. 79-108.

GRAMSCI, A. **A Concepção Dialética da História.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

GUERRA, D. Danças brasileiras de matriz africana: “Quem dança, seus males espantam! **Revista África e Africanidades** - Ano I - n. 4 – Fev. 2009.

HALL, S. **A identidade cultural da pós modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUIZINGA, J. **Homo ludens.** 4ª edição – reimpressão. Editora Perspectiva S.A. São Paulo-SP; 2000.

LEMOES, R. de L. **Antes De Ser Brasileiro Eu Sou Preto: representações de África no imaginário da música popular brasileira.** Monografia. Universidade Federal de Pernambuco: 2013.

LOPES, N. A presença africana na música popular brasileira. In. **Revista Espaço Acadêmico.** nº 50. julho\2005.

LOPES, N. **Dicionário escolar afro-brasileiro.** São Paulo: Selo Negro Edições, 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUZ, M.A. (Org.) **Identidade negra e educação**. Salvador: Iaramá 1989.

LOURÃO, F.A.A. **Múltiplas faces da identidade africana**. África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, S. Paulo, 18-19 (1): 5-21, 1995/1996.

NUNES PEREIRA, L.N. **O ensino e a pesquisa sobre a África no Brasil e a Lei 10.639**. Em publicação: Los estudios afroamericanos y africanos em América Latina: herencia, presencia y visiones Del outro. Lechini, Gladys Centro de Estudios Avanzados, Programa de Estudios Africanos. Córdoba; CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias sociales, Buenos Aires, 2008, p. 253-273.

ORO, A.P. **A desterritorialização das religiões afro-brasileiras**. Revista Horizontes Antropológicos, v. 1, n. 3, PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 1995, p. 69-79.

PEÇANHA, J.C. de S. **Contribuições das matrizes africanas na formação do choro e do samba**. Dissertação, 2013.

PEREIRA, A.A. et al. **Jogos africanos e afro-brasileiros no contexto das aulas de educação física**. Diálogos interculturais: descolonizar o saber e o poder, 2009, Florianópolis. Anais. Florianópolis: UFSC, 2009. p.1-18. PEREIRA, A. A. et al. **Jogos africanos e afro-brasileiros no contexto das aulas de educação física**. In: XII Congresso da Association Internationale pour la Recherche Interculturelle (ARIC): diálogos interculturais: descolonizar o saber e o poder, 2009, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2009. p.1-18. (ISBN: 978-85-87103-36-9).

PEREIRA, A.M. História e cultura afro-brasileira: parâmetros e desafios. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 36, maio, 2004. Não paginado.

PRISTA, A.; TEMBE, M.; EDMUNDO, H. **Jogos de Moçambique**. Lisboa: Instituto Nacional de Educação Física, 1992.

QUERINO, M. **A arte culinária na Bahia**. Salvador, 1957.

Resolução CNE/CP/2004. **Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno**. In:CNE/CP Resolução 1/2004.Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11.

SANTOS, F. M. E. Função do Gestor na Escola Pública. **Revista de Divulgação Técnica – Científica do ICPG**, vol.3, n.9 -jul-dez/2006.

SANTOS, J.L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: brasiliense, 2003.

SANTOS, A. R. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. 6ª Ed. Rio de Janeiro: DP & A. 2004.

SANSONE, L. Da África ao afro: uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX. **Revista Afro-Ásia**, 27 (2002), 249-269.

SERRES, A. **Introduction à l'indexation**: lexique de l'indexation documentaire. Disponível em:< <http://www.uhbr.fr/urfist/supports/indexation/indexationlexique.html>>. Acessado em: 29 de jun. 2017.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 edição. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. C. **Destruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 2001.

SILVA, J. M. F. **A linguagem do Corpo na Capoeira**. Rio de Janeiro: Sprint. 2003.

VALENTIM, R.M.; BACKES, J.L. **A lei 10.639/03 e a educação étnico-cultural/racial**: reflexões sobre novos sentidos na escola. II SEMINÁRIO INTERNACIONAL: FRONTEIRAS ÉTNICO-CULTRURAS FRONTEIRAS DA EXCLUSÃO. Campo Grande, MS, 2008. Anais...Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2008.

HILÁRIO, K.S.G.; VIEIRA, V.R.N. **Qual a reflexão sobre a inclusão da temática da História e Cultura Afro Brasileira e indígena nos currículos das escolas e universidades brasileiras?** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

ANEXOS

ANEXO A- Protocolo do Questionário para os alunos

Título do Projeto: A IDENTIDADE CULTURAL AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: Uma análise do componente curricular Manifestações Culturais da Universidade do Estado da Bahia/Campus- IV

Nome do Entrevistador (a):

Rosa de Oliveira

R.G.: CPF:

Telefone:

E-mail:

Endereço: Bairro:

Cep: Cidade: Estado:

Instituição/Organização: Universidade do Estado da Bahia – UNEB/DCH IV

IDENTIFICAÇÃO DO (A) ENTREVISTADO (A)

Nome:

Idade:

Gênero:

Formação: Graduando () Graduado ()

QUESTÕES

SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA

- 1) Qual a sua formação profissional? Qual o ano da sua conclusão de graduação?
- 2) De que forma se deu a sua aproximação com os conhecimentos a respeito da cultura afro brasileira?

SOBRE O COMPONENTE CURRICULAR MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

- 3) Como foi para você o processo de ensino aprendizagem durante a disciplina na aquisição dos conhecimentos sobre cultura afro-brasileira?

- 4) Qual a importância de se trabalhar com os temas relacionados a cultura Afro-brasileira na escola, e o que significa este aprendizado para o educando?
- 5) Justificando sua resposta, você considera que a passagem pela disciplina Manifestações Culturais lhe deu embasamento suficiente para trabalhar com este conteúdo na escola?

SOBRE O TEMA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

- 6) De que forma você compreende a importância do conhecimento com os temas relacionados a cultura Afro-brasileira?
- 7) Você já buscou realizar cursos cujos temas estavam voltados para os conhecimentos da cultura afro-brasileira?
- 8) Qual a sua compreensão de Cultura e Cultura afro brasileira?

ANEXO B- Protocolo do Questionário para o professor

Título do Projeto: A IDENTIDADE CULTURAL AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: Uma análise do componente curricular Manifestações

Culturais da Universidade do Estado da Bahia/Campus- IV

Nome do Entrevistador (a): Juliane Roso de Oliveira

R.G.: CPF:

Telefone:

E-mail:

Endereço: Bairro:

Cep: Cidade: Estado:

Instituição/Organização: Universidade do Estado da Bahia – UNEB/DCH IV

QUESTÕES

Bom dia professor Itamar, agradeço a sua disponibilidade e atenção em conceder esta entrevista que será de grande importância a este trabalho e conseqüentemente para trabalhos futuros na área da educação e Educação Física.

1) Gostaria que o senhor falasse sobre sua formação acadêmica, visão política e filosófica de mundo e educação, os primeiros anos de trabalhos com a formação de professores, bem como a sua experiência profissional atual no curso de educação física da UNEB campus IV.

2) Fale sobre a sua aproximação com os conhecimentos a respeito da cultura afro brasileira. Há quanto tempo o senhor trabalha com este componente na licenciatura? E o que significou, e como se deu o processo de implantação deste componente nos cursos de formação de professores das Universidades brasileiras?

3) Como essa disciplina chega ao curso de educação física, em que ano, em que contexto histórico do curso?

4) Tendo em vista sua visão de pesquisador na formação de professores, e com base em sua própria história acadêmica, de que forma o senhor ver os

conhecimentos da Cultura Afro Brasileira na formação do futuro professor em Educação Física?

5) Os conhecimentos sobre manifestações culturais são bem amplos e de uma complexidade, que envolve muitas pesquisas no campo da história e da sociedade mundial e brasileira. Assim eu lhe pergunto o que significou para o senhor trabalhar com este componente curricular, qual o caminho pedagógico na escolha dos conhecimentos a serem trabalhados em sala de aula, quais os principais intelectuais o senhor destacaria como significativos a este estudo e como se deu o processo de ensino aprendizagem com um conhecimento novo na área da Educação Física?

6) Como o senhor avalia atualmente a formação de professores nos cursos de educação física das universidades públicas baianas incluindo a Uneb campus IV em Jacobina?

7) Qual mensagem o senhor gostaria de deixar aos alunos futuros professores de Educação física?

ANEXO C - Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH - IV
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezado (a)

Estamos realizando uma pesquisa intitulada “ A Identidade Cultural afro-brasileira nas aulas de Educação Física: Uma análise do componente curricular Manifestações Culturais da Universidade do Estado da Bahia/Campus- IV ”, vinculada ao curso de licenciatura em Educação Física do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, DCH-IV, Jacobina, que pretende obter informações sobre o significado do componente Manifestações Culturais para a prática pedagógica do futuro professor de Educação Física. Para tanto, estamos convidando você para participar de uma entrevista. Trata-se de um instrumento de coleta de dados que é organizado em perguntas sobre o tema da pesquisa.

Cabe destacar que estamos atentos à Resolução CNS 196/96 ao destacar que “toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve riscos”, desse modo, para que não sinta qualquer desconforto ou danos pessoais na dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural, espiritual e profissional, previmos os seguintes procedimentos: (a) preservação do seu anonimato; (b) os registros serão guardados em lugar seguro, durante a vigência da pesquisa, onde somente os pesquisadores terão acesso; (c) esses registros serão destruídos logo após o seu tratamento científico; (d) as publicações relativas a esta pesquisa não permitirão a sua identificação específica; (e) as informações não serão utilizadas em prejuízo dos participantes; (f) Os dados obtidos serão mantidos em sigilo e utilizados somente para fins de pesquisa.

Apesar dessas medidas, caso venha a se sentir eventualmente invadido ou incomodado, pode, voluntariamente, desistir da sua participação em qualquer

momento da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Essa pesquisa será desenvolvida pela estudante Juliane Rosa de Oliveira, sob a orientação da Prof^a Rita de Cassia Roxane Ferreira Borges (UNEB), que estarão à disposição para os devidos esclarecimentos. Ciente da natureza desta pesquisa, dos seus objetivos, métodos e benefícios, autorizo a minha participação voluntária. Este termo será assinado por mim e pelo professor/orientador responsável pela pesquisa.

Jacobina,de de 2017.

Assinatura do (a) participante

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da orientadora

APÊNDICES

Apêndice A – Programa da disciplina



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS INJACOBINA
CURSO LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
PROFESSOR: ITAMAR SOUSA
E-Mail: corpuc88@yahoo.com.br

PROGRAMA DA DISCIPLINA

Código		Período Letivo		Disciplina/Componente Curricular				
ED0251		2014.2		Manifestações Culturais				
Dia		Horário das aulas			Turma		Sala	N de alunos
Quarta Feira		1ª Aula: (7:30h às 9:00h); 2ª Aula: (9:30h às 10:15h) 3ª Aula: (9:15h às 10:00h); 4ª Aula: (10:10h às 11:00h)			8ª Semestre		23	
Créditos				Carga horária				
Teóricos	Práticos	Total	Início	Término	Teórico	Práticos	Total	Limite de Faltas
2	1	3	03/09/2014	17/12/2014	60h	10h	60h	15
Ementa								
Estudo da cultura indígena e afro-brasileira: Análise e reflexão. Difusão do conhecimento: Científico, tecnológico e domínio popular. Produções históricas e influências na cultura corporal contemporânea.								
Objetivo Geral								
<ul style="list-style-type: none"> • Possibilitar aproximações entre os estudantes do curso de Educação Física e os conhecimentos sobre a cultura de origem afro-indígena-brasileira, tendo em vista as interfaces estabelecidas com a formação do professor de E.F. no trato com as diferentes práticas corporais. 								
Objetivos Específicos								
<ul style="list-style-type: none"> • Discutir os estereótipos, preconceitos e racismo relacionados à cultura afro-indígena-brasileira. • Oportunizar uma interdisciplinaridade com o componente curricular Estágio Supervisionado, com a finalidade de articular a temática afro-indígena-brasileira nas aulas de Educação Física escolar, tendo em vista a docência na educação básica. • Realizar visitas e observações em diferentes espaços socioculturais (feirões, comunidades quilombolas, grupos de sambas de roda, grupos de capoeira, associações de dança afro, feiras livres, dentre outros), tendo em vista o diagnóstico de manifestações culturais afro-indígenas relacionadas às práticas corporais em Jacobina e região. • Elaborar uma produção midiática (vídeo) sobre as manifestações culturais afro-indígenas relacionadas às práticas corporais em Jacobina e região. 								
Conteúdos programáticos de ensino								
<p>I- Trabalho e Cultura na Formação Humana</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cultura: Um conceito antropológico. • O trabalho como categoria ontológica do ser social. • O que são oás-tax humanos? • A formação humana na teoria Histórico-Cultural: A passagem do biológico ao cultural. • Índios no Brasil: Quem são eles? • Quanto vale um índio? 								



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
 DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS INJACOBINA
 CURSO LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
 PROFESSOR: ITAMAR SOUSA
 E-Mail: corpuss8@yahoo.com.br, itamarcorpuss@yahoo.com.br

PROGRAMA DA DISCIPLINA

Código	Período Letivo	Disciplina/Componente Curricular						
	2015.2	Manifestações Culturais						
Dia	Horário das aulas			Turma	Sala	Nº de alunos		
Quarta Feira	1ª Aula: (14:30h às 14:55h); 2ª Aula (14:55h às 15:10h) Intervalo (15:10h às 15:20h) 3ª Aula: (15:20h às 15:45h); 4ª Aula (15:45h às 17:00h)			8ª Semestre	12			
Créditos				Carga horária				
Teóricos	Práticos	Total	Início	Término	Teórico	Prático	Total	Limite de Faltas
2	1	3	18/05	12/12	50h	10h	60h	15
Ementa								
Estudo da cultura indígena e afro-brasileira: Análise e reflexão. Difusão do conhecimento: Científico, tecnológico e domínio popular. Produções históricas e influências na cultura corporal contemporânea.								
Objetivo Geral								
<ul style="list-style-type: none"> • Possibilitar aproximações entre os estudantes do curso de Educação Física e os conhecimentos sobre a cultura de origem afro-indígena-brasileira, tendo em vista as interfaces estabelecidas com a formação do professor de E.F. no trato com as diferentes práticas corporais. 								
Objetivos Específicos								
<ul style="list-style-type: none"> • Discutir os estereótipos e preconceitos relacionados à cultura afro-indígena-brasileira. • Compreender os sentidos e significados das práticas corporais afro-indígenas-brasileira. • Refletir sobre os desafios de articulação da temática afro-indígena-brasileira nas aulas de Educação Física escolar, tendo em vista a docência na educação básica. • Realizar visitas e observações em diferentes espaços socioculturais (festeiras, comunidades quilombolas, grupos de sambas de roda, grupos de capoeira, associações de dança afro, feiras livres, dentre outros), tendo em vista o diagnóstico de manifestações culturais afro-indígenas relacionadas às práticas corporais em Jacobina e região. • Realizar uma produção midiática (vídeo) sobre as manifestações culturais afro-indígenas relacionadas às práticas corporais no Parque da Chapada. 								
Conteúdos Programáticos de Ensino								
<p>I- Trabalho e Cultura na Formação Humana</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cultura: Um conceito antropológico. • O trabalho como categoria ontológica do ser social. • O que costa humanos? • A formação humana na teoria Histórico-Cultural: A passagem do biológico ao cultural. • Índios no Brasil: Quem são eles? 								

Apêndice B – Cronograma da disciplina

CRONOGRAMA

AULA	DATA	ATIVIDADE S
01	Setembro 03/09/2014	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do programa; Diagnóstico: Grupo-Focal; Formação de grupos • Disponibilidade do texto I "O conceito de cultura". • Vídeo: Bebês em diferentes culturas.
02	Setembro 17/09/2014	<ul style="list-style-type: none"> • Vídeo sobre Cultura • Discussão do Texto I "O conceito de cultura". • Atividade para próximo encontro: Trazer vídeos, propaganda dos meios de comunicação de massa e relacionar com o texto.
03	Setembro 24/09/2014	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do texto e das atividades em grupo. • Exposição do professor: Vídeos e Imagens publicitárias. • Disponibilidade do texto II: "A construção do racismo e as doutrinas raciais do século XIX".
04	Outubro 01/10/2014	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão do texto III: "A construção do racismo e as doutrinas raciais do século XIX". • Filme "O elo perdido". • Discussão e análise do filme em interface com as leituras bibliográficas.
05	Outubro 08/10/2014	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação I: Prova Escrita Individual
06	Outubro 15/10/2014	<ul style="list-style-type: none"> • Cor e raça na sociabilidade brasileira • Discussão do Texto IV: As três visões sobre cor e raça no Brasil.
07	Outubro 22/10/2014	<ul style="list-style-type: none"> • Índios no Brasil: Quem são eles (Texto e Vídeo). • Xingu: A reserva indígena da Amazônia. (Vídeo-Documentário) • Índios no Brasil: História, contextos e conflitos na sociedade brasileira • Os Índios no Brasil e a omissão do Estado.
08	Outubro 29/10/2014	<ul style="list-style-type: none"> • A percepção da África e Brasil • Racismo na sociedade brasileira.
09	Novembro 05/11/2014	
10	Novembro 12/11/2014	<p>Visita e Observação para diagnóstico das manifestações culturais em Jacobina e região</p> <ul style="list-style-type: none"> • A Feira Livre de Jacobina • Religião afro em Jacobina • Samba de roda em Capim Grosso • Os grupos de Capoeira <p>Relato das experiências observadas</p>
11	Novembro 19/11/2014	<ul style="list-style-type: none"> • Desafios do ensino sobre indígenas nas escolas.
12	Novembro 26/11/2014	<p>Seminário</p> <ul style="list-style-type: none"> • Grupo I: Os jogos tradicionais da cultura popular: Influências indígenas, africanas e europeias. (Livro de Paulo Mochole-Kashirota) • Grupo II: Práticas corporais dos jogos indígenas: Sentido e significado
13	Dezembro 03/12	<p>Seminário</p> <ul style="list-style-type: none"> • GRUPO III: • Práticas corporais dos povos indígenas – Bra-Desporto • Grupo IV: Jogos e culturas indígenas: Possibilidades interculturais na escola.
14	Dezembro 10/12	<p>Seminário</p> <ul style="list-style-type: none"> • Grupo V: Práticas corporais em comunidades quilombolas • Grupo VI: Índios do Brasil
15	Dezembro 17/12	<p>Apresentação do diagnóstico realizado (Vídeos)</p> <p>Grupo de Samba de Roda (Apresentação)</p>

**Apêndice C- LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 e LEI Nº 11.645, de 10
março de 2008.**

LEI Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negrabrasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1^ª O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1^ª O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2^ª Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (NR)

Art. 2^ª Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187^ª da Independência e 120^ª da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Fernando Haddad

APÊNDICE D – Ata de reunião das Disciplinas



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS IV/JACOBINA-BA

Ata de Reunião da Comissão das Disciplinas Língua Brasileira de Sinais e Cultura Afro- Indígena

Foi realizada aos onze dias do mês de junho de 2013, a reunião da comissão dos componentes curriculares Língua Brasileira de Sinais e Cultura Afro- Indígena, onde estiveram presentes os professores Vamberto Ferreira Miranda Filho e Rita de Cássia Roxane F. B de Sousa, tendo sido justificada a ausência da professora Amália Catharina Santos Cruz. Os referidos professores se reuniram e fizeram a leitura, estudo e discussão sobre o assunto em questão e compreendemos que esta comissão tem por objetivo avaliar a oferta dos componentes curriculares LIBRAS, em atendimento ao Decreto Federal 5.626 de 22 de dezembro de 2005 e Cultura Afro- Indígena, em atendimento às leis 10.639/2003 e 11.645/2008 no curso de Licenciatura Plena em Educação Física, bem como os devidos encaminhamentos assim para o bom andamento e necessárias providências. Compreendemos a partir dos documentos analisados, que os componentes curriculares LIBRAS e Cultura Afro-Indígena, são de caráter obrigatório, com legislação específica e que este deve ser desenvolvido com carga-horária de 60 horas; observamos também que para o componente de LIBRAS é preciso que a formação dos docentes tenha o seguinte pré-requisito, graduação de Licenciatura Plena em Letras: Libras ou Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda Língua. Das leis e resoluções estudadas dos referidos componentes identificamos que não consta nada que impeça o professor licenciado em educação física em ministrar a disciplina de Cultura Afro- Indígena, neste sentido, desenvolvemos um parecer que será encaminhado ao Colegiado do curso de Educação Física para consubstanciar os encaminhamentos necessários. Não tendo mais nada a declarar, eu, Rita de Cássia Roxane Ferreira Borges de Sousa dou por encerrada esta ata que depois de lida e aprovada será assinada por mim e pelos demais membros desta comissão.

APÊNDICE E – Parecer da comissão do componente curricular Libras



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA S HUMANA S CAMPUS IV/JACOBINA-BA

PARECER DA COMISSÃO DO COMPONENTE CURRICULAR LIBRAS

Jacobina, 11 de junho de 2013

Com relação ao componente curricular de LIBRAS foi analisado os seguintes documentos legais: Decreto 5.626 de 22 de Dezembro de 2005 que regulamenta a lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, e o artigo. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, a Resolução Nº 1233/2010 do CONSEPE, que cria o componente curricular LIBRAS para os cursos de graduação da UNEB.

Os documentos analisados por esta comissão fundamentaram as discussões e a compreensão sobre a importância deste componente na formação inicial dos discentes do curso de Licenciatura Plena em Educação Física.

Segundo o Decreto 5.626 de 22 de Dezembro de 2005 em seu artigo 4º que trata DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LIBRAS E DO INSTRUCTOR DE LIBRAS:

A formação de docente para o ensino de libras [...] e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em letras: libras ou em

APÊNDICE F – Componente curricular Cultura Afro-Indígena



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS CAMPUS IV/JACOBINA-BA

Parecer da comissão sobre o
Componente curricular Cultura Afro-Indígena.

Jacobina, 11 de junho de 2013.

A presente comissão pautou-se nos seguintes documentos legais: *Parecer CNE/CP n.º 3, de 10 de março de 2004 e a Resolução CNE/CP n.º 1, de 17 de junho de 2004* que instituem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; *Parecer CNE/CEB n.º 2/2007, de 31 de janeiro de 2007* que trata da abrangência das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; Nas leis de números 10.639/2003 e 11.645 de 2008; *Emenda do componente curricular Manifestações Culturais (60h).*

Após leitura e análise dos referidos documentos, consideramos esta temática relevante para a formação dos discentes do curso de Licenciatura Plena em Educação Física e neste sentido, a referida discussão deverá ser contemplada no componente curricular **Manifestação Cultural** a ser ofertado no semestre 2013.2, com carga horária de 60 horas, estando de acordo com o memorando em anexo, nº 05/2013 emitido por este colegiado.

No documento *Parecer CP/CNE 3/2004 e da Resolução CP/CNE n.º 1/2004* que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, afirma que: